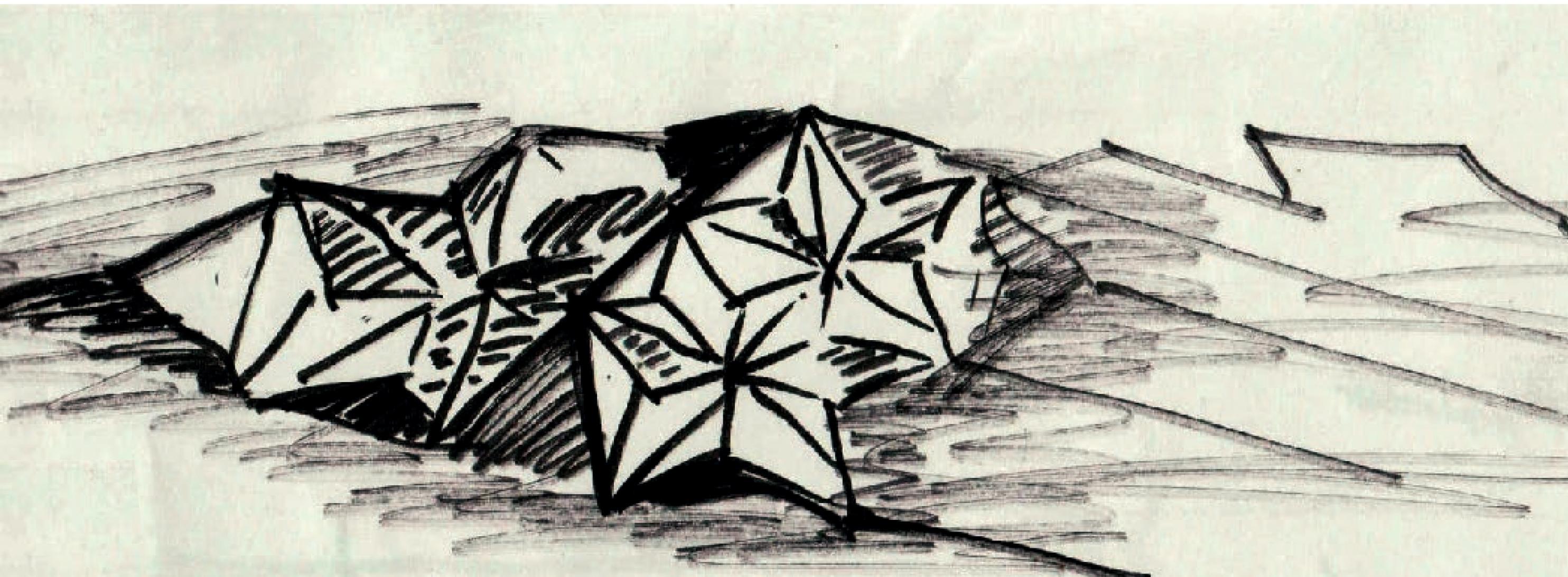


água, terra e cultura na baía sul de florianópolis

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Arquitetura e Urbanismo
2021.2

autor Francisco Henrique Brum de Almeida
orientadora Thêmis da Cruz Fagundes



“We feel that even if all possible scientific questions be answered, the problems of life have still not been touched at all. Of course there is then no question left, and just this is the answer.”
—Ludwig Wittgenstein

notas preliminares

Devo fazer um trabalho.

Dar respostas às questões relevantes no espectro de produção de conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo.

Qual pergunta, portanto, devo fazer?

É certamente possível abordar uma questão filosófica, sociológica, matemática ou logística. Mas como abordar uma questão arquitetônica?

Alguém poderia indagar “o que é arquitetura?”, ainda que não me pareça clara a pergunta.

Quem sabe pensar arquitetura com relação à sociedade. Talvez Sennett e Bordieu pudessem auxiliar. Mas não sei. Pesquisaram a vida toda, indagaram-se, sistematizaram resultados de suas pesquisas, tomaram posições em questões muito complexas que mal sei formular. A menos que pra fingir alguma compreensão, que sentido teria alguém como eu navegar nesses oceanos?

Ou da antropologia, essencial para investigar as relações humanas no âmbito da cultura, da tradição, dos diálogos, da materialidade. Levi-strauss, Clastres, Ribeiro, Montoya... Mas novamente, quais são suas conclusões mais fundamentais? Aquelas que tanto precedem quanto sucedem de suas anotações. Com que olhos olharam as pessoas que conheceram? Suas conclusões não podem vir somente do estudo em campo. De onde vêm?

Ou talvez, sob algum devaneio próprio, deveria me propor a investigar, a rigor, todas as influências que cada um desses autores tenha tido, até exaurir o significado essencial de cada tradição escolástica que culminou no seu pensamento. Provavelmente acabaria me perdendo lendo clássicos da Grécia Antiga e estudando as línguas dos descendentes brancos dos proto-indo-europeus.

Da mesma forma que me acontece frequentemente durante os primeiros segundos de desenho de um projeto, surge na mente uma incerteza - afinal, de qual escala devo olhar? Muito próximo da escala humana, perco as relações da cidade. E vice-versa. Ainda mais desafiador parece ser com a tradicional fundamentação teórica.

O que sei, ou posso vir a saber, a respeito da visão de mundo

destes sociólogos e historiadores contemporâneos, de grande intelecto, citados por inúmeros arquitetos?

E aqueles que introduziram os problemas filosóficos imortais que sustentam as problemáticas dos intelectos de hoje, provavelmente escritos e falados em alguma variação de grego ou latim, o que sabem sobre a vida que vivemos?

Olhando para as imediações, perco de vista as causas subjacentes aos fenômenos que se apresentam “em primeira pessoa”. Olhando para as conclusões (quase-abstratas) sobre o funcionamento de algum tipo de totalidade social (quem a vê?) - ou à solução que algum pensador nos tenha entregue a respeito da essência da história, da realidade ou de todas as coisas - perco as imediações. Pergunto-me, relutante, onde isso opera na vida comum?

Igualmente absurdo seria tomar as minhas próprias experiências como única fonte válida de apreensão de conhecimento. Seria como dizer “o mundo é o que eu sinto”. Não sendo um trabalho de poesia, não posso me deixar cair em algum destes extremos. Indago:

O quão amplo? O quão particular?

Onde acaba o mundo pessoal e começa o mundo social? Onde começa o entre? Aonde um materialista pula de susto por causa de um vulto no quarto, um solipsista ri? Quando um atomista perde um parente, é diferente de um idealista o perder? A cidade é mais real para um realista do que para um fenomenólogo? Um intelectual da antropologia, após 10 anos de estudo numa aldeia, abandona a culpa? Após memorizar um livro de receitas, sei como os filhos gostam da sopa? Depois de apresentar um pós doutorado em anatomia, sei o que é dor?

O quão amplo? O quão particular?

Não me contento. Na 1:1000 humanos são pontos finais. Na 1000:1 são sinapses. É insuficiente. Não que queira ser algo mais ou menos - apenas que a natureza da água não é explicada por sua temperatura de ebulição, tampouco por duas partículas de hidrogênio e uma de oxigênio. Vai ter que ser na 1:1, por mais relutante que eu esteja. Não deveria funcionar em qualquer escala? Mesmo que o resultado seja fraco como um quietismo do tipo “nada sei”. Bom... Que o foco não seja o meu saber.

Exclamaria um louco: “o universo cabe numa xícara de café!”. E certamente este louco eu gostaria de ouvir. Afinal, ao menos este louco intenta resolver o problema das escalas.

O quão amplo? O quão particular?

Não querendo inserir no trabalho mecanismos teóricos que sou incapaz de compreender, atento-me aos movimentos minuciosos da vida comum. O problema de olhar para as coisas é que tendemos a empenhar uma atmosfera sólida, como se já soubéssemos algo a respeito do que vamos ver. Premissas flutuam em torno do objeto de análise antes mesmo da análise. Quando pergunto “o que é uma indagação arquitetônica?”, não estou supondo milhares de significados distintos possíveis para a sucessão das palavras “o”, “que” e “é”? Espanta-me abordar um problema sem reconhecer os vieses da utilização do magnífico instrumento que é a linguagem.

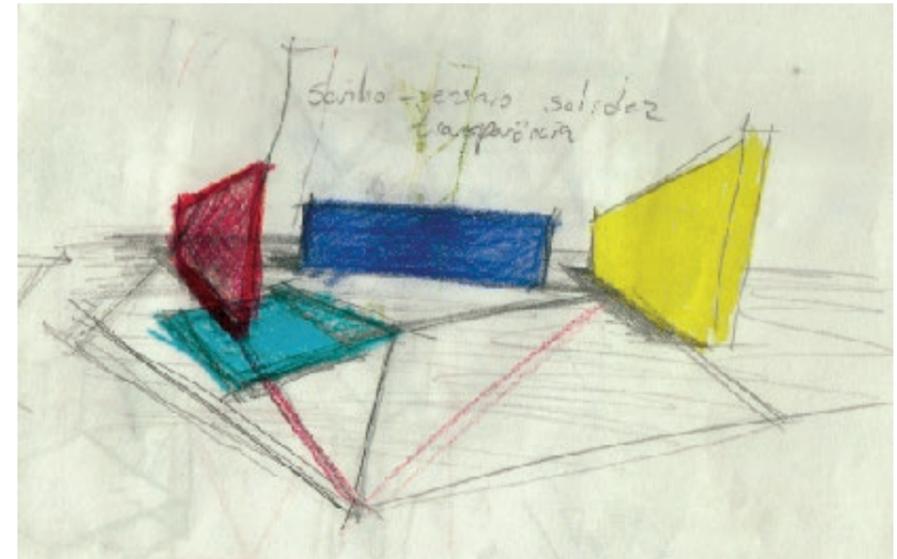
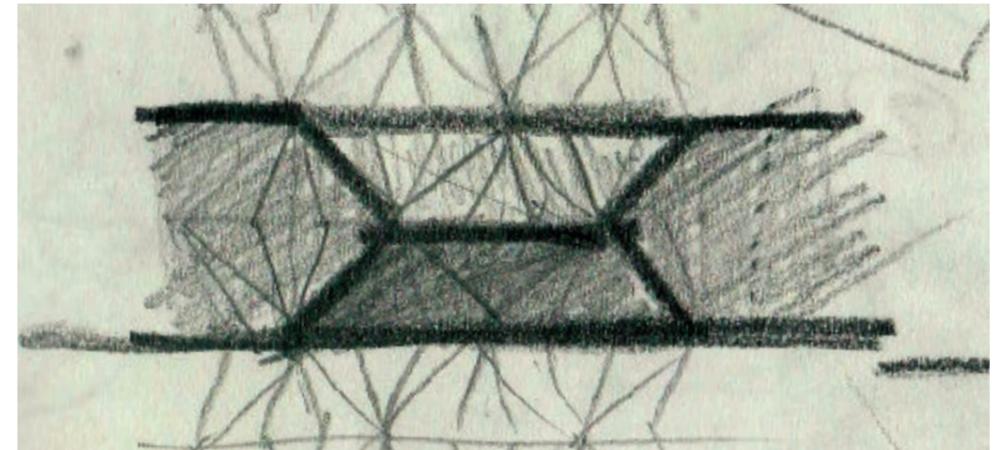
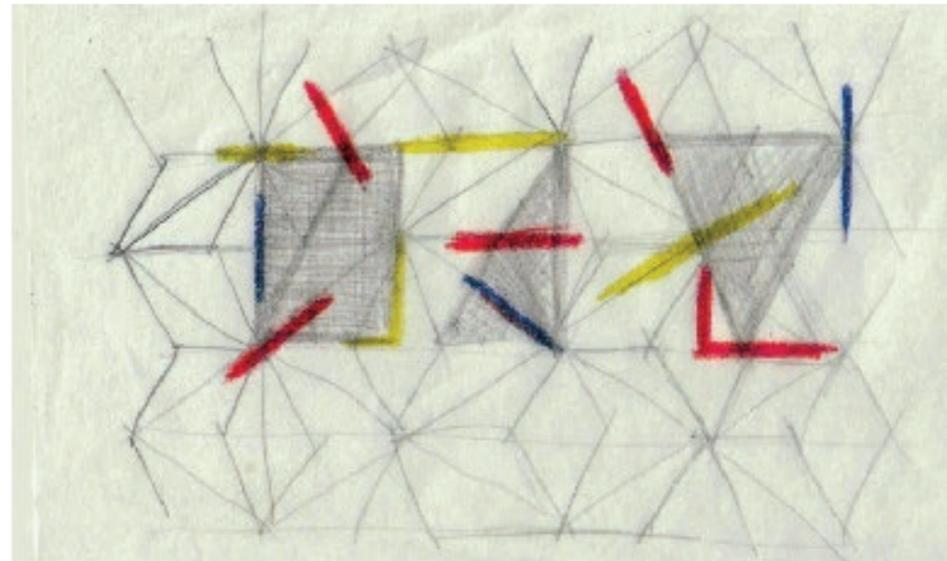
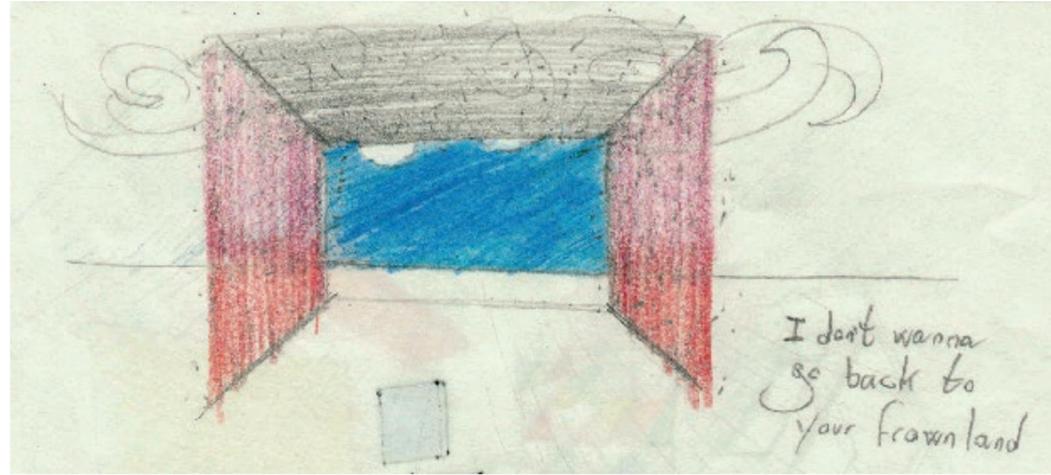
Observando a movimentação da vida acontecendo nos lugares, ora acolhida, ora negada, as interações entre os seres mostram sua complexidade. Vida comum como vida usual, ou vida comum como vida compartilhada, que se vive em conjunto, comunal. A ambiguidade é acatada. Alguma coisa se sabe sobre os padrões de comportamento, genética, sistemas sensoriais e composição química dos seres vivos. Ainda assim, os problemas fundamentais da vida parecem inexplorados. E parece ser um problema de entendimento - do mundo, das coisas, das pessoas e suas relações.

Como as pessoas e coisas interagem entre si? Como são estabelecidas conexões? De qualquer tipo. Como acontece o reconhecer que há um outro e um eu? Quais as condições espaciais para possibilitar a vida? Qual a relevância da arquitetura nisso e vice-versa?

Indagar-se sobre os problemas da vida presume ignorância sobre os mesmos. E é um reconhecimento importante. Reconhecer isso nos leva a olhar para os lados - oceanos e oceanos de lágrimas.

Finalmente, indago:

Qual o papel do desenho em retomar as conexões perdidas entre seres vivos?



contra o negar do outro

Ao utilizar o instrumento da linguagem, pode parecer que estamos medindo pictogramas mentais, ideias, de modo a representá-las em formas gramaticais - palavras, orações e onomatopéias — como sendo resultado da medição. Porém Wittgenstein sugere que a constância nos resultados de medição interferem na compreensão do instrumento de medição (IF 242). Sua visão será explorada e interpretada, com a intenção de mostrar sua relevância para o entender das relações humanas e da arquitetura enquanto recipiente de suas atividades. Citações do livro Investigações Filosóficas serão abreviadas com “IF”, com o número da seção do texto identificado logo após.

O argumento conhecido como “argumento da linguagem privada”, de Wittgenstein, aponta para a inexistência de tal tipo de linguagem. A primeira indagação que o autor faz no argumento pode ser considerada esta:

“Mas seria também pensável uma linguagem na qual alguém pudesse, para uso próprio, anotar ou exprimir suas vivências interiores - seus sentimentos, seus estados de espírito? - Não podemos fazer isto em nossa linguagem costumeira? - Acho que não.” (IF 243)

Baseado no entendimento do texto, e usando algumas de suas alegorias, proponho a pensarmos sobre a definição de uma palavra. Talvez ao atribuir sentido a uma palavra, queiramos chamar uma sensação que identificamos em nós mesmos e associá-la à palavra “S”. Ao fazer isso, não estamos supondo que toda a humanidade tenha a mesma sensação “S”, e que por algum mecanismo de aquisição - do qual não há sentido falar agora, mas que permitiria a aquisição da palavra “S” e de qualquer outra — seu nome seja imediatamente compreendido, como um universal? “Alegria”. Mesmo considerando cada significado que um dicionário possa dá-la, como sendo um uso diferente de “S”, cada um deles estaria linkado à tal sensação universal? “Alegria + contexto x”.

What does it mean to know who is in pain? It means, for example, to know which man in this room is in pain: for instance, that it is the one who is sitting over there, or the one who is standing in that corner, the tall one over there with the fair hair, and so on.—What am I getting at? At the fact that there is a great variety of criteria for personal 'identity'".
Now which of them determines my saying that “I” am in pain? None.
(IF 404, destaque acrescentado)

Olhando dessa forma — uma das contraposições possíveis —, parece ser uma proposição filosófica de difícil resolução - de que haja sensações universais. Afinal, as minhas sensações são minhas, certo? Porém, ao atribuir total privacidade a elas, qual

seria o sentido de sequer dizê-las em público? Wittgenstein, de maneira mais profunda que a representada aqui, atacando em diversos ângulos, coloca para apreciação do leitor as contradições presentes na abordagem da linguagem como mero instrumento de designação de objetos.

Why can't my right hand give my left hand money?—My right hand can put it into my left hand. My right hand can write a deed of gift and my left hand a receipt.—But the further practical consequences would not be those of a gift. When the left hand has taken the money from the right, etc., we shall ask: "Well, and what of it?"
And the same could be asked if a person had given himself a private definition of a word; I mean, if he has said the word to himself and at the same time has directed his attention to a sensation. (IF 268, destaque acrescentado)

No experimento mental do besouro, alegoricamente, Wittgenstein convida a pensar em um mundo onde cada um segura uma caixa, e ninguém é capaz de ver o que os outros têm em suas caixas, só conseguem olhar para a sua própria caixa. Poderiam chamar o conteúdo desta caixa de “besouro”. E seria suposto pelos habitantes desta comunidade que sabem o significado da palavra besouro através de observar a sua própria caixa. Destas condições, que podemos chamar de adequadas a um modo pictográfico de olhar para a linguagem, implica que cada caixa poderia comportar um conteúdo completamente diferente. Qualquer coisa. Até mesmo nada. Conclui:

The thing in the box has no place in the language-game at all; **not even as a something: for the box might even be empty.**—No, one can 'divide through' by the thing in the box; it cancels out, whatever it is. That is to say: if we construe the grammar of the expression of sensation on the model of 'object and designation' **the object drops out of consideration as irrelevant.** (IF 293, destaque acrescentado)

O experimento indica que é perfeitamente possível que a linguagem funcione sem a presença de objetos particulares. E, quando considera-se o resto do argumento, é afirmado que a designação do objeto não performa função alguma, é, senão, uma miragem que acompanha as falas. E provavelmente só o faz quando pensamos filosoficamente sobre elas, isto é, perguntamos algo como “qual o modo que nomeio as coisas que imagino?”, e então podemos vir a sustentar essa hipótese. Como um fantasma que acompanha a prosódia do dia-dia, supomos a existência dos objetos de designação - ainda que, quando examinados, nunca os encontremos.

Essas conclusões poderiam ser lidas apenas como pertencendo ao escopo da filosofia da linguagem, porém é coerente pensar que dizem muito mais.

Ao passar pelo argumento, alguém pode vir a pensar que o mesmo simplesmente ignora que existam critérios de escolha, identidade ou designação na linguagem, apenas definindo-os como um “nada”. De forma alguma, porém, o critério é simplesmente ausente - mas também não é um “algo”. Wittgenstein expressa de forma clara - considerando-o como sendo um nada, ou considerando-o como sendo um algo, ambos prestam os mesmos serviços à linguagem (PI 304), a tentativa aqui é apenas mostrar que não pode haver um critério universal, uma essência, para o funcionamento da linguagem.

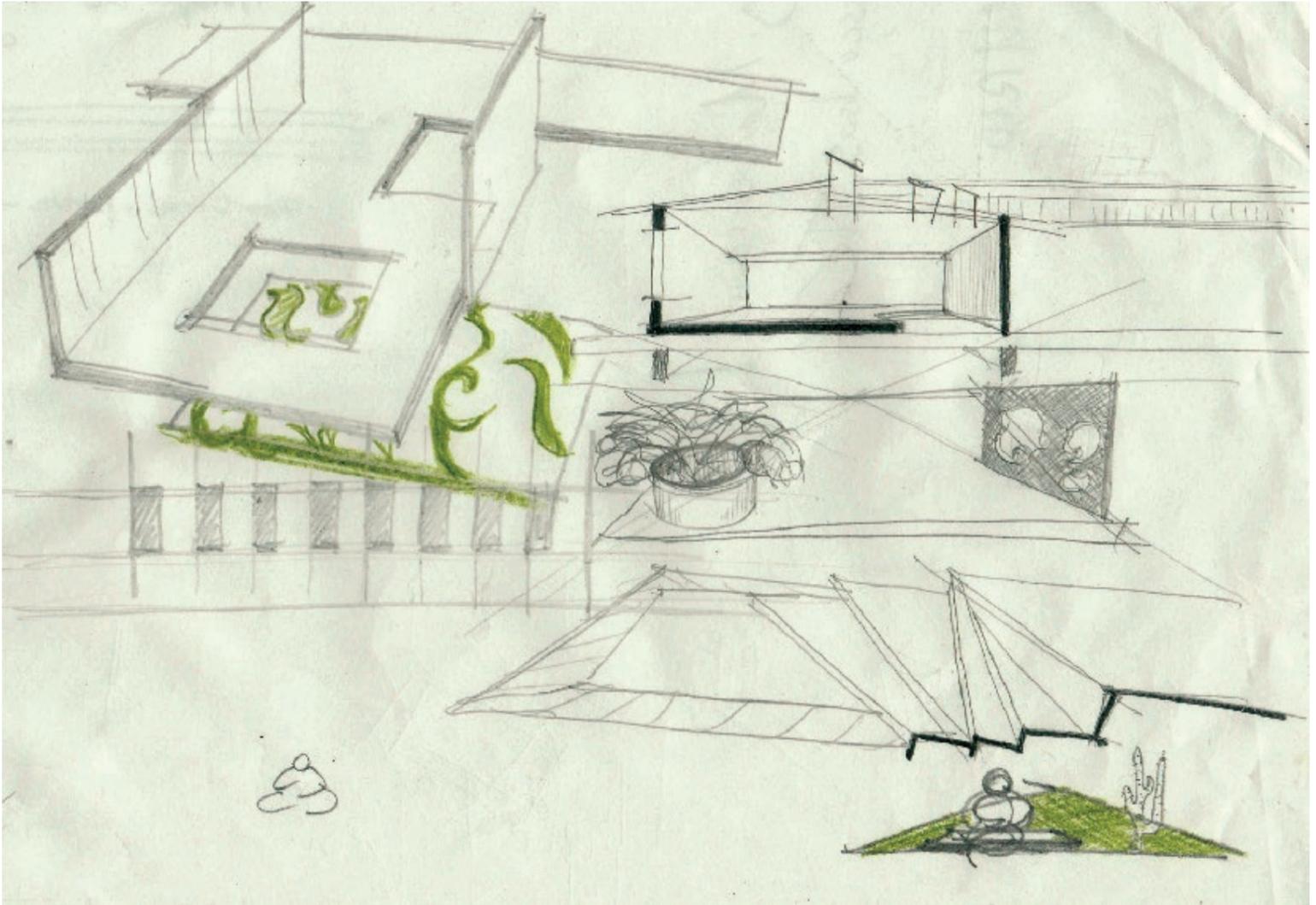
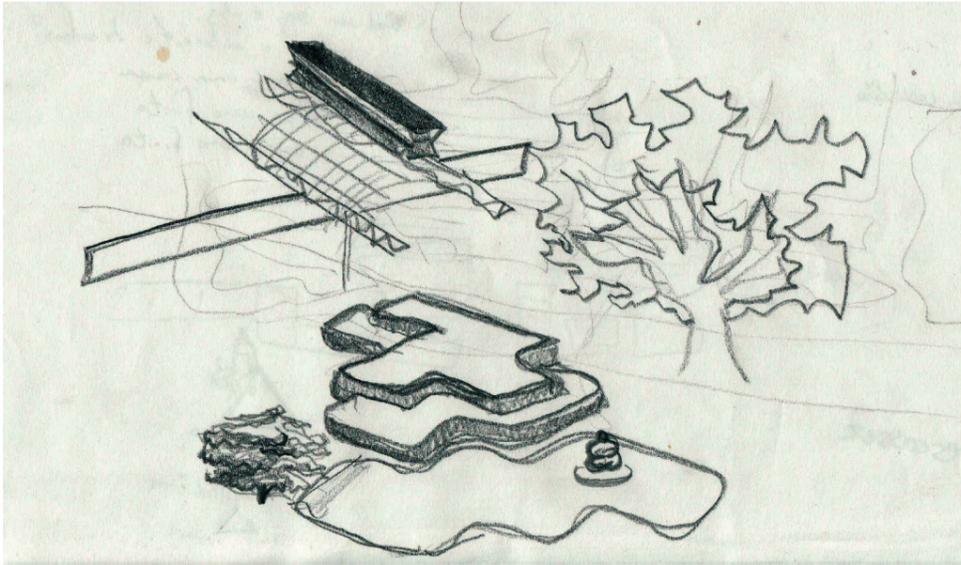
Posso propor um experimento mental simples - reflita sobre a diferença entre existência e não-existência. Esses nomes são utilizados como formas de descrever os fenômenos (ou ‘não-fenômenos’). Seriam antíteses ou apenas formas arbitrárias de descrição? Ou outra coisa? Entendê-los dentro do jogo de linguagem em que são utilizados faz perder de vista qualquer simetria que teriam.

Inserir-se num jogo de linguagem — isto é, nas regras que uma determinada comunidade usa para comunicar-se — para possibilitar o uso da linguagem é uma relação necessária.

If I say of myself that it is only from my own case that I know what the word "pain" means—must I not say the same of other people too? And how can I generalize the one case so irresponsibly?
(IF 293)

Tomar como verdadeira a crença na autodeterminação é a ‘privatização’ da linguagem.

Alguém diria “posso ver o mundo como uma criação minha e isso não faria diferença”. Mas será que isso foi experimentado e testado com sinceridade? Posso imaginar as pessoas como sendo coisas, o intelecto humano parece ser dotado dessa capacidade. Mas essa representação mental duraria pouco mais do que alguns segundos. Basta, pois, examinar a mera existência da distinção coisa e pessoa — onde você a aprendeu? Será que um dia pensou “farei esta distinção, ainda que não seja necessária”. Você pode imaginar uma pedra dotada de pensamentos — o que ela sente? Está tomada de dor? Está em êxtase sem igual? Recordo-nos agora da ausência do critério de autodeterminação, e pergunto, onde você aprendeu a capacidade de imaginar a dor alheia *senão com a dor alheia?* Se responder “aprendi o que é dor comigo mesmo”, reflita se isso é possível — não o é.



Olhe uma pedra e imagine que tenha sensações! — diz-se: como se pode sequer ter a ideia de atribuir uma *sensação* a uma coisa? — poder-se-ia da mesma forma atribuí-la a um número!— E olhe agora para uma mosca inquieta; esta dificuldade desaparece imediatamente e a dor parece então poder *aterrissar* onde antes tudo era, por assim dizer, *simples*. (IF 284)

Perder os outros de vista é a grande perda. O que são só pode ser dito pelos grandes poetas, ainda que possa ser vivido por qualquer um (onde tudo é “por assim dizer, simples”).

Andamos nos lugares, como que carregando esta ‘coisa’ que determina: “funciono assim: vejo, nomeio, significo”. Mas ela não pode ser encontrada em lugar algum. Parece sólida, ainda que não possa ser tocada (nem com a atenção), parece presente, ainda que não tenha cor ou forma. Cometendo o erro de afirmá-la, aí sim... é possível ver o outro como corpo, como mente, isto é - como coisa.

As atrocidades nascem desta falha. De vê-los assim. Esse é o “negar do outro” presente no título.

... if someone has a pain in his hand, then the hand does not say so (unless it writes it) and **one does not comfort the hand, but the sufferer: one looks into his face.** “How am I filled with pity for this man? How does it come out what the object of my pity is? (Pity, one may say, is a form of **conviction that someone else is in pain.**) (IF 287, destaque acrescentado)

Penso que esse entendimento está próximo da leitura que o filósofo ambientalista Rupert Read faz do argumento da linguagem privada e dos dois trabalhos principais da vida de Wittgenstein (Tractatus e Investigações Filosóficas), no caso, Read (2010) inclui o fascismo, não apenas como movimento sociopolítico, mas, semelhantemente, como uma falha em agir:

When I read, "One does not comfort the hand, but the sufferer: one looks into his face," I feel moved. And perhaps a little ashamed, of times when I've failed to do this. The appeal here is not ungainsayable; it can fail. But that is part of its very power, one knows that it is possible to fail to respond to the suffering of another; one knows that one has done so oneself (sometimes). Fascism grows out of such failures.

Há que se valorizar crenças do tipo “sei que os outros sentem dor”.

Ainda que tenha sido argumentado do absurdo que é olhar para as situações em que são vistos como coisas, é preciso também colocar que o oposto acontece com facilidade, mas não pela mesma via. Não é difícil imaginar que alguém abra mão completamente da crença referida acima, por vontade própria, ao

irritar-se com a mosca, com o sujeito ao lado, com o que quer que seja.

A capacidade de coisificar diz muito da capacidade de descoisificar.

Talvez por isso seja necessário sempre colocar-se do ponto de vista da convencionalidade e negar suas implicações negativas, porém não negar sua capacidade intrínseca de operar a vida comum. Isto significa: é claro que é possível referir-se a um filho dentro de um espectro “privado” ao usar a linguagem. Isso não impede que se ame o filho. Não impede que se compre um pão. Mas ao compreender o argumento (supõe-se), impede-se que sejam feitas afirmações de caráter metafísico - na política, na academia, e assim por diante.

O entendimento errôneo seria tomar para si, dizer “é meu, agora posso mostrar aos demais”. Esse é o processo de picturação (picturing) refutado por Wittgenstein. Seria mais próximo da verdade dizer “não é meu, agora sei que todos poderiam ver, se reconhecessem que não é seu”.

O que se diz aqui é: há um caráter ético e político nessas afirmações. Elas dizem respeito a momentos reais em que vivemos, em que os diálogos encontram-se seriamente em crise. Essa crise vem de se perder o reconhecimento que está aí para ser apreciado por qualquer um. “Nosso” não passa de um antídoto para “meu”.

“Qual seu objetivo em filosofia? - Mostrar à mosca a saída do vidro.” (IF 309)

A discussão se torna relevante para a Arquitetura quando se reconhece seu potencial de fazer o processo reverso - conectar as pessoas de modo que vejam a face umas das outras. Sendo tarefa do desenho transformar as coisas em arquitetura, para serem experienciadas como arquitetura, o que se faz aqui é a tentativa de oferecer aquilo que se reconhece como valioso - o entendimento do mundo como algo nosso - na forma de arquitetura.

É como se transitássemos, o tempo todo, por uma mentalidade onírica, que se adapta às situações de modo que entendamos uns aos outros. Não podemos encontrar a essência da linguagem, ela não está para ser descoberta ou proposta.

A arquitetura pode acolher as visões particulares que se criam

entre os seres vivos a partir das arbitrariedades de “eu”, “outro”, e assim por diante. A arquitetura pode acolher os sonhos, e apontar, dentro de sua possibilidade de ação no mundo, para o reconhecimento que não nos deixa. Embora podemos nos esquecer, a semelhança que carregamos é inquebrável. Nenhum tipo de consistência é encontrada na crença em uma independência.

Que tenham o desejo de olhar na face uns dos outros. Que tenham barco, ponte, jangada para atravessar o oceano de lágrimas.

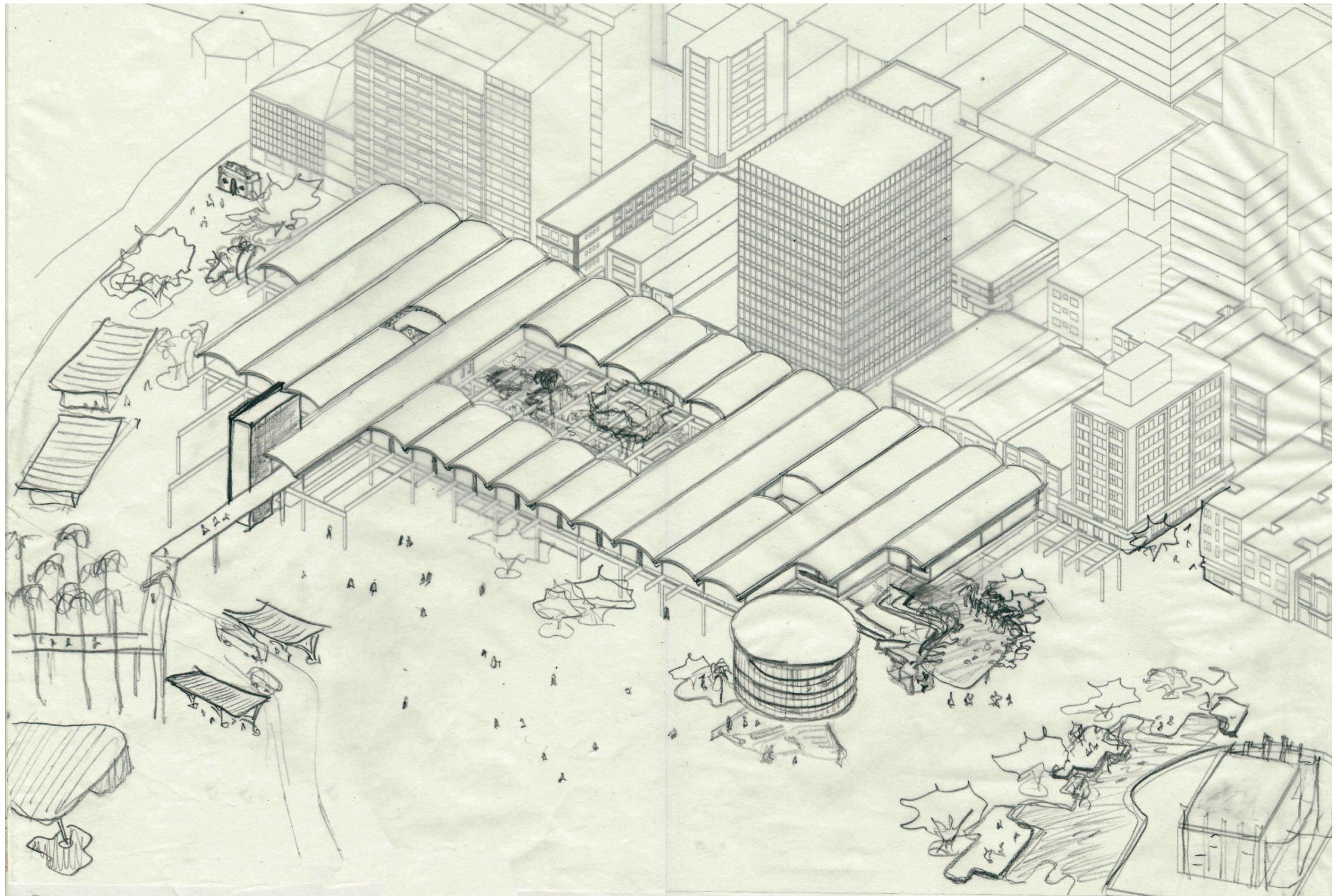
A história da humanidade (e a de outros seres vivos também) é conhecidamente cheia de atrocidades. Ao outro, sabe-se como lhe causar imensa dor. E isso indica capacidade de reconhecer a dor no outro, como um mapa já conhecido e explorado (e não por simples autorreconhecimento). A diversidade de palavras para diferentes métodos de tortura é testemunha disso — “embalsamento, empalamento, esfolamento, estiramento, estripamento, esmagamento, cegamento, afogamento, serramento, flagelamento”.

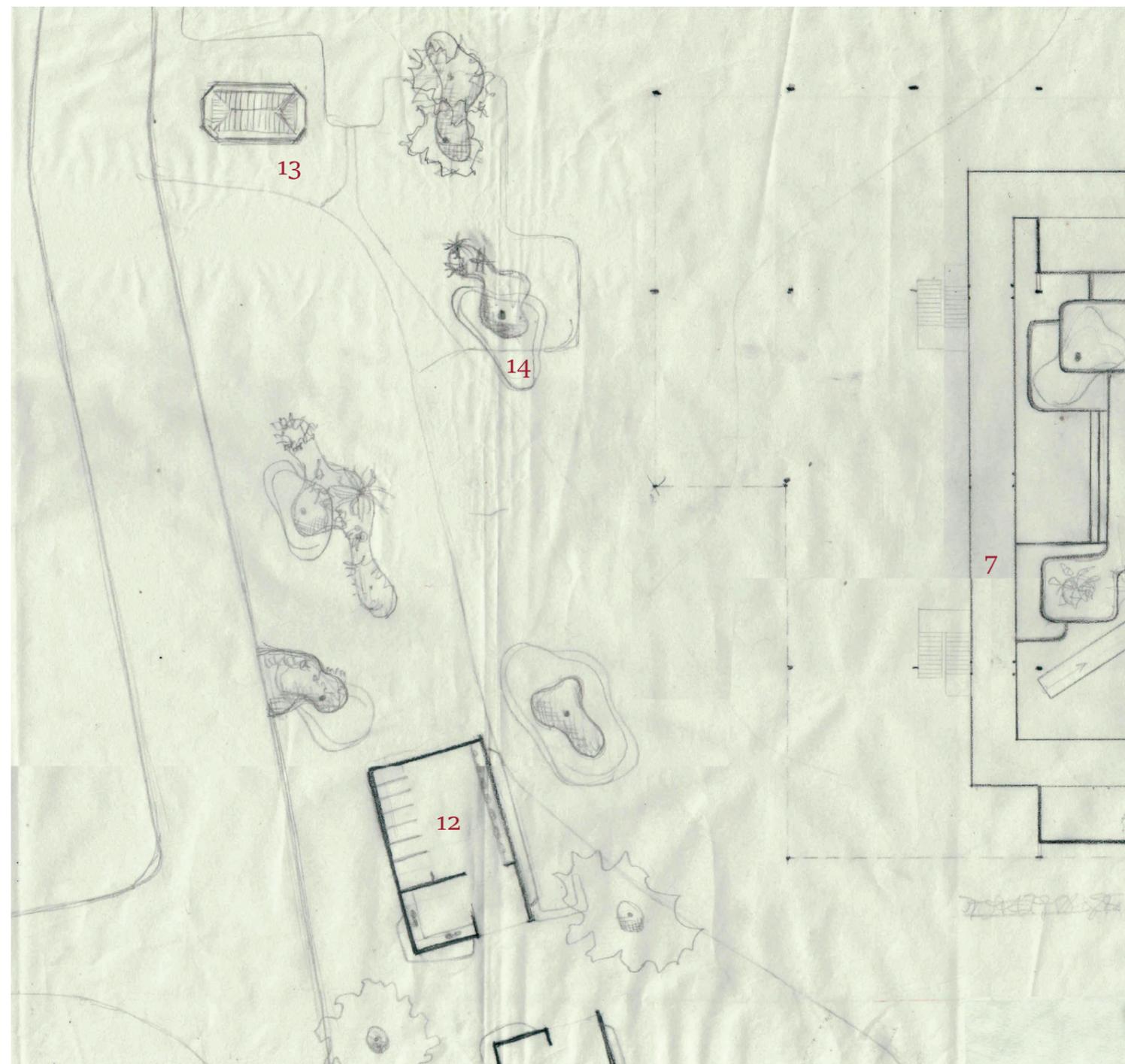
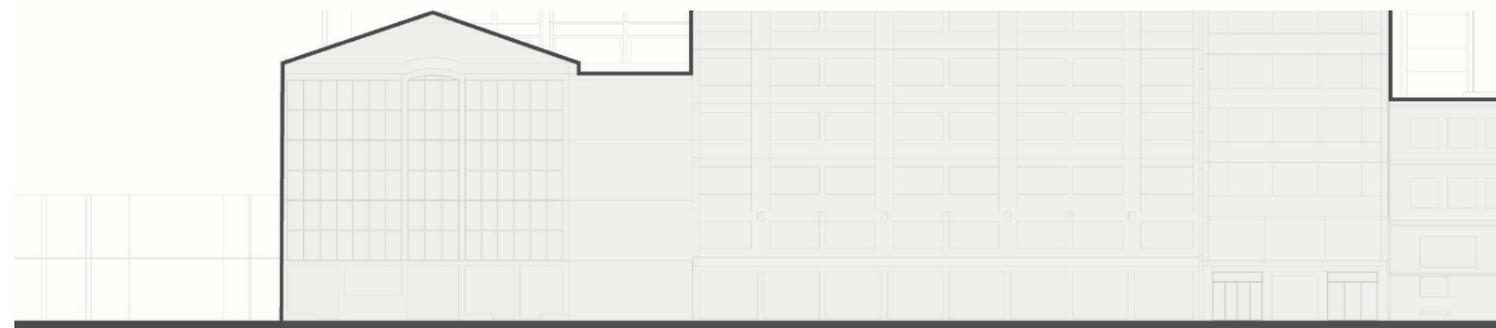
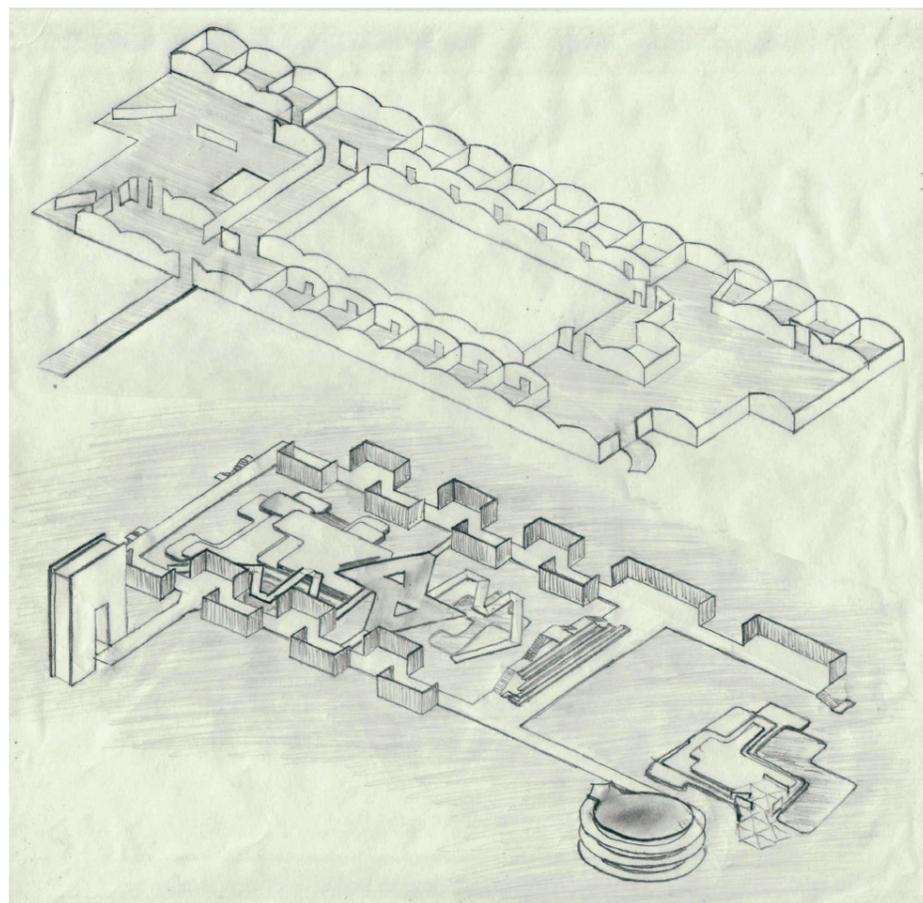
Não é impressionante, deixando o espanto de lado, que saibamos com tanta precisão causar ao outro sensação tão extrema? Até mesmo a expressão máxima da desumanização é reveladora da intrínseca capacidade de conhecermos uns aos outros.

Olhando para isso, sei que posso sorrir — mas não como um sádico. Apenas, ao pensar que, no âmago, os seres são iguais em seu reconhecimento mútuo — mesmo que imersos estejamos no oceano frio da raiva e da arrogância — nego a negação dos demais. Sei que podem se ver livres.

embora pareça sólido, *euísmo*
esfarela-se entre os dedos, *sonho*
como quem confunde argila e pedra

alívio é saber —
que as rochas desmancham no ar.

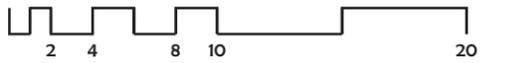
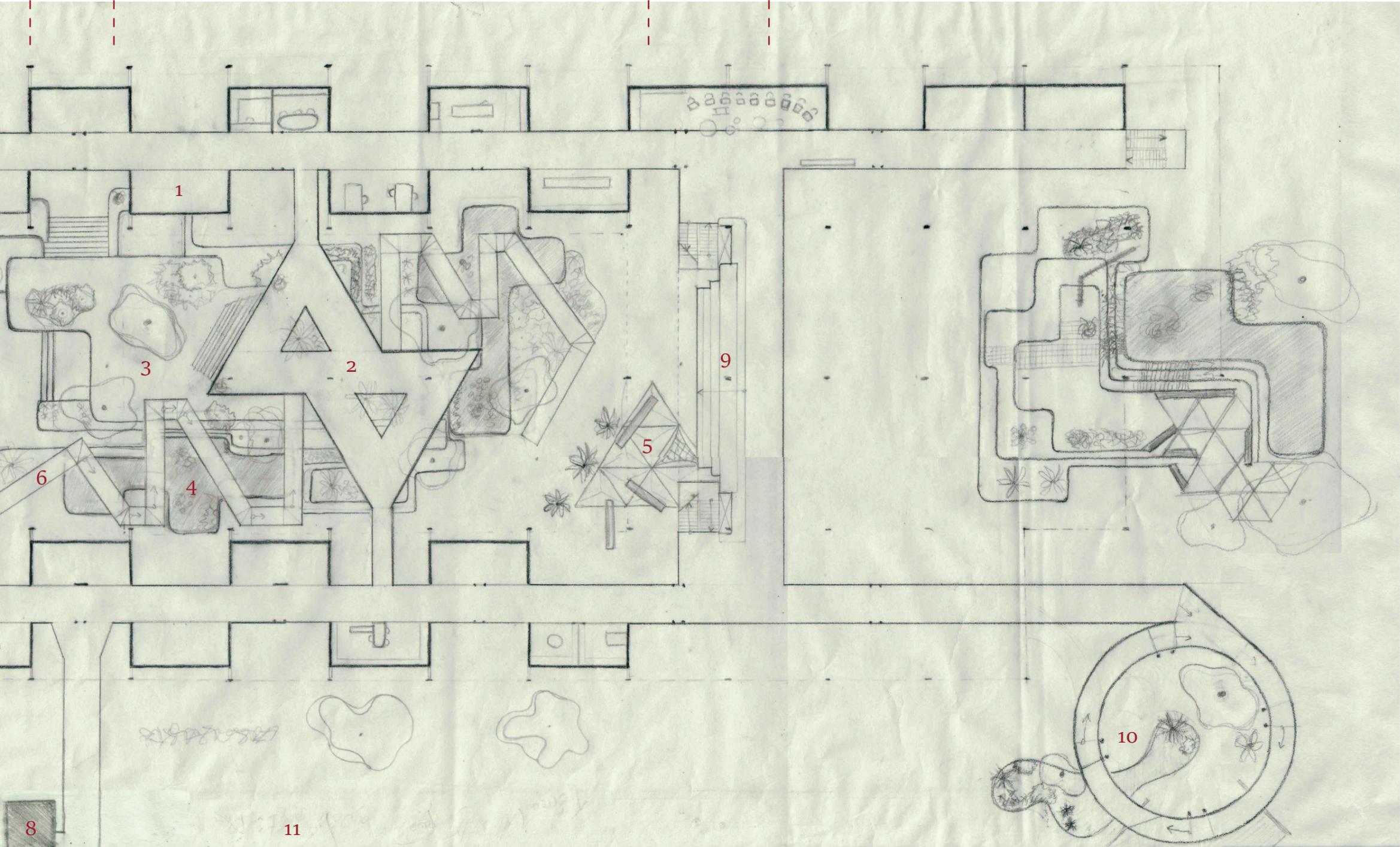


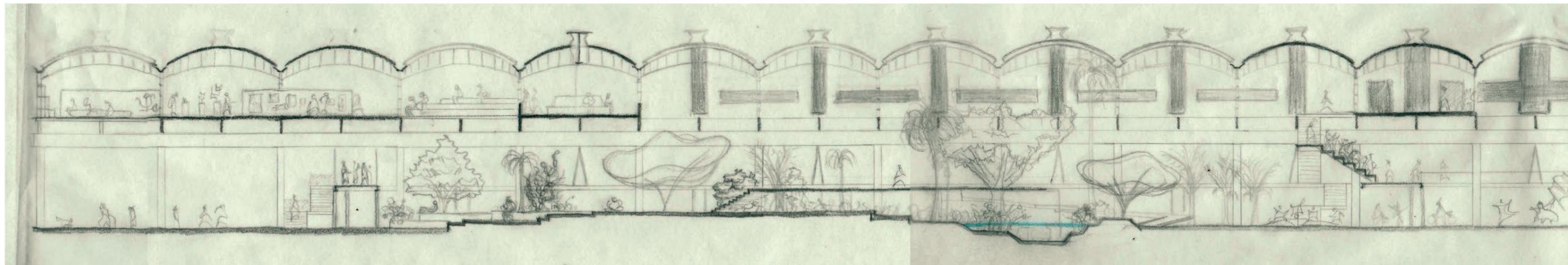


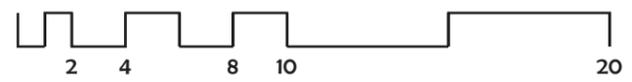
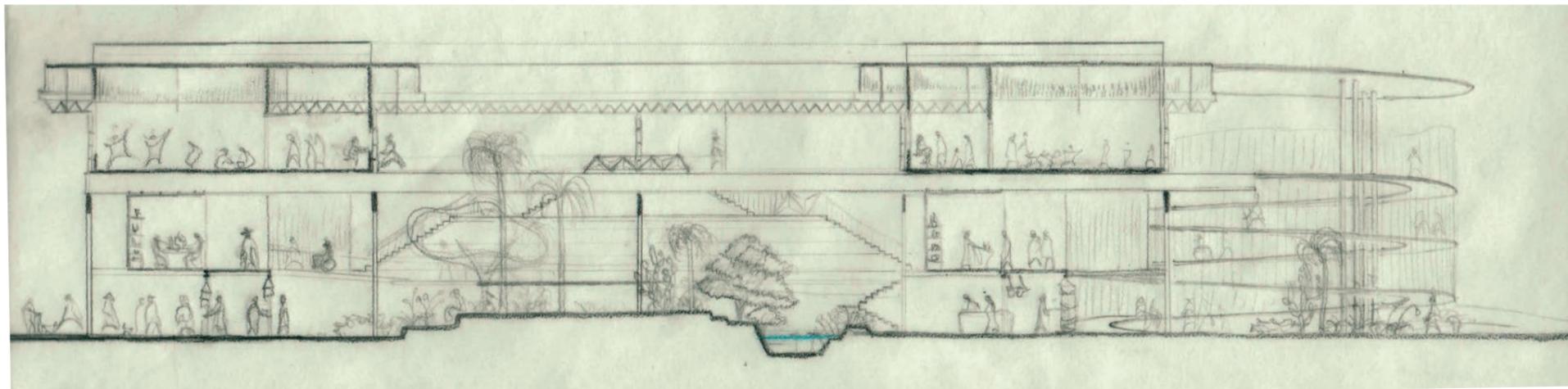
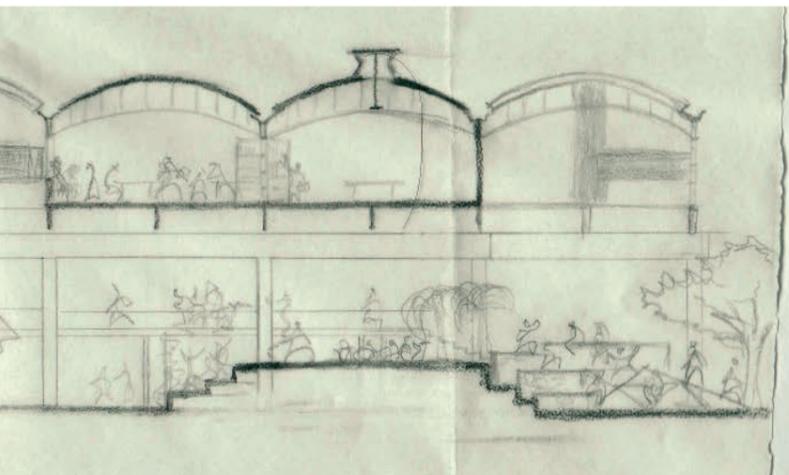
1. ATELIÊ DOS ARTISTAS
2. GRELHA SOBRE JARDIM
3. TALUDE JARDIM
4. LAGOA DE RETENÇÃO
5. ESPAÇO LÚDICO
6. PASSARELA RAMPA
7. NÍVEL INTERMEDIÁRIO (PASSARELAS)
8. TORRE DE CIRCULAÇÃO
9. ARQUIBANCADA
10. TORRE RAMPA
11. LARGO
12. BANHEIRO PÚBLICO
13. ESTAÇÃO ELEVATÓRIA ("CASTELINHO")
14. JARDIM

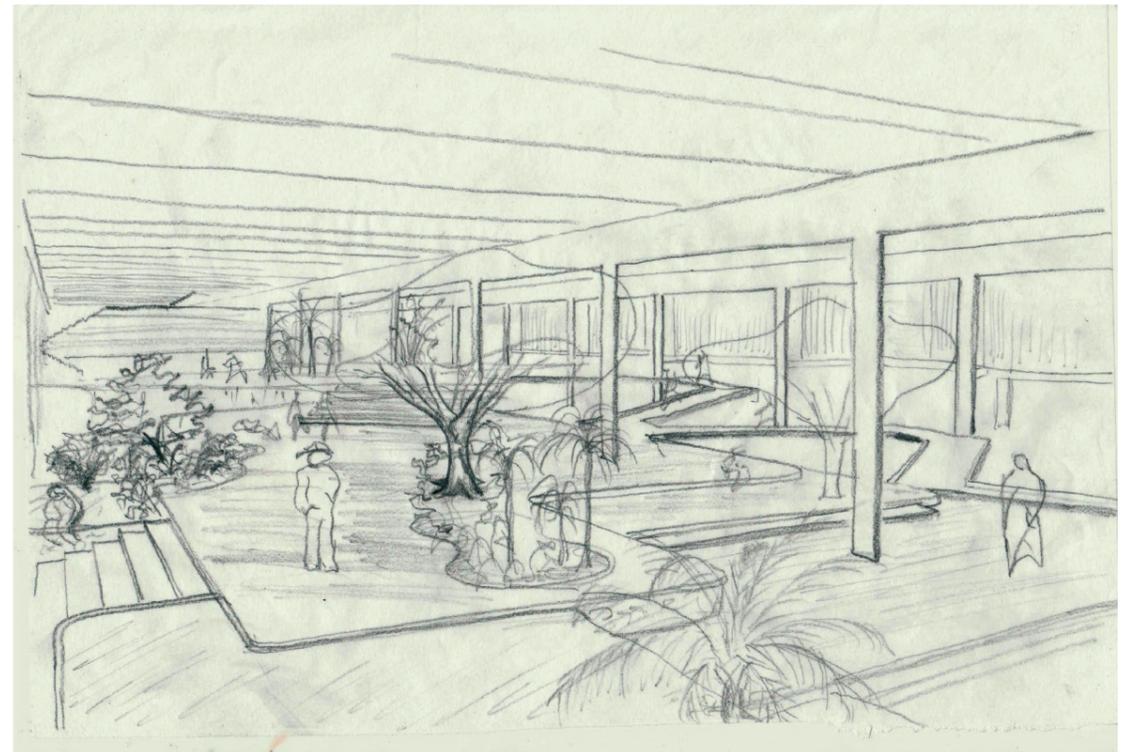
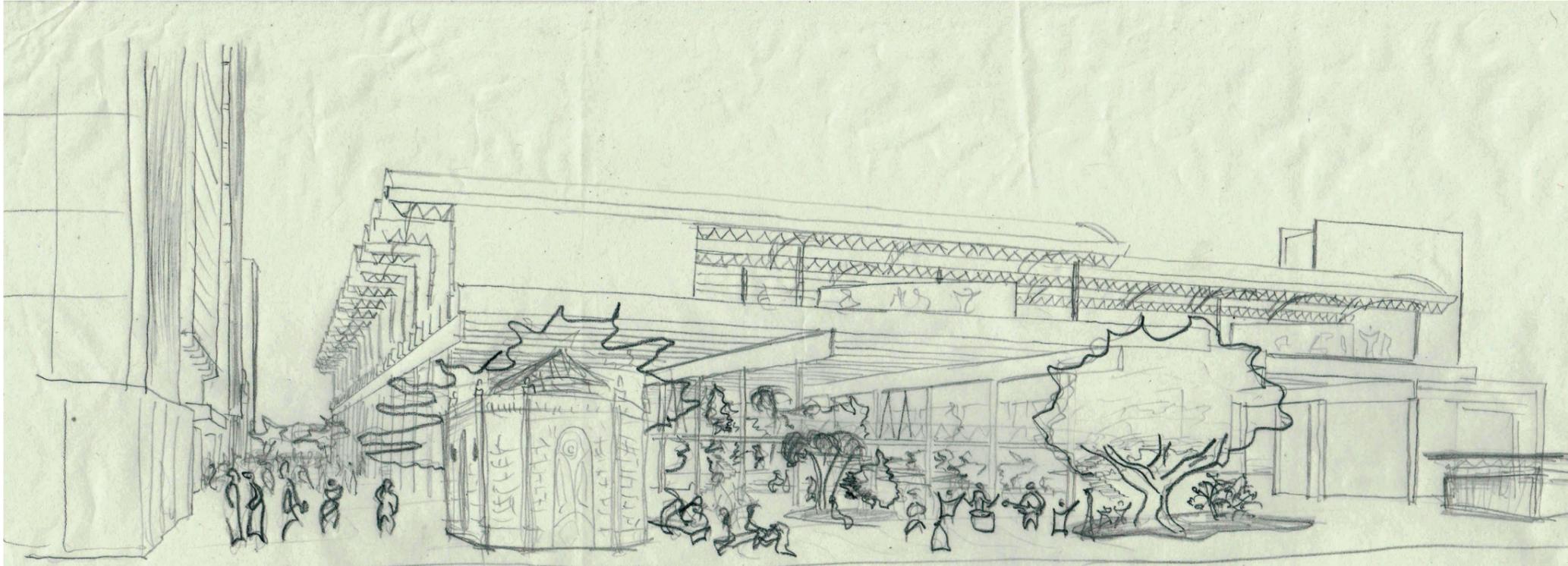
R. SALDANHA MARINHO

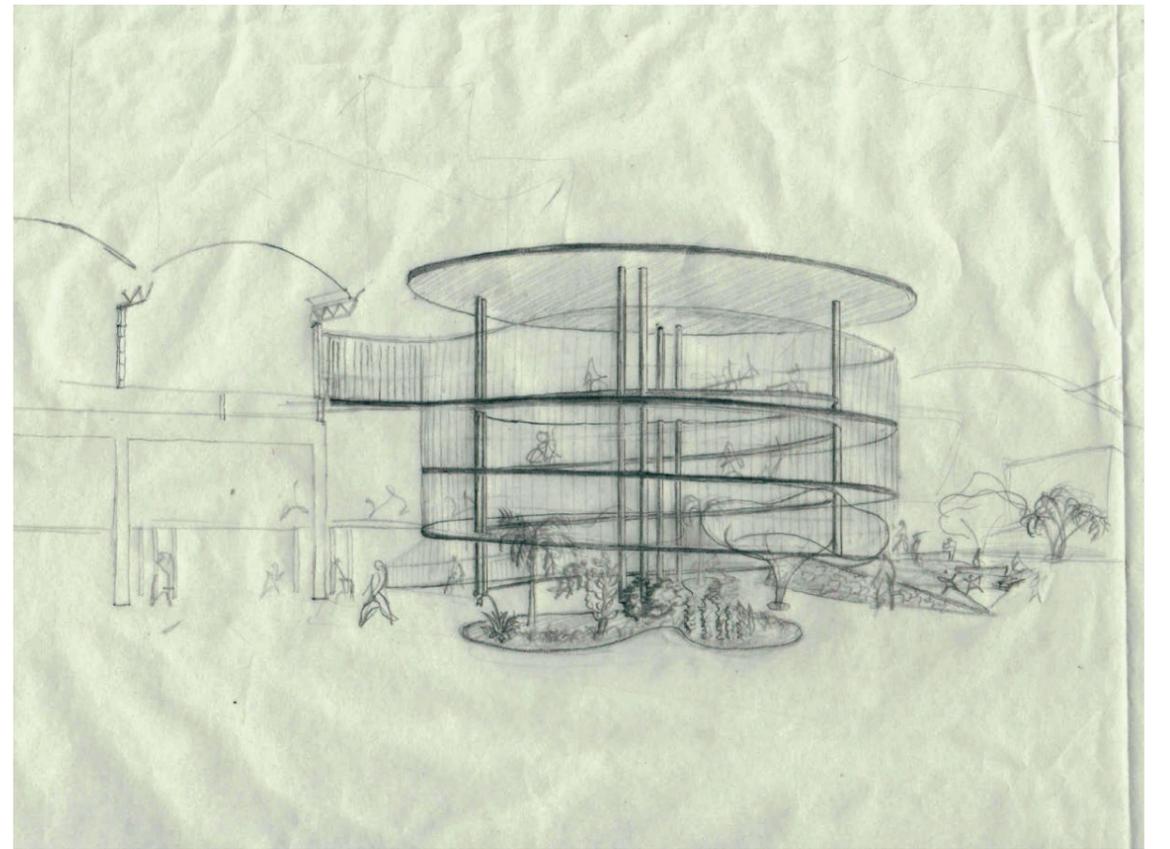
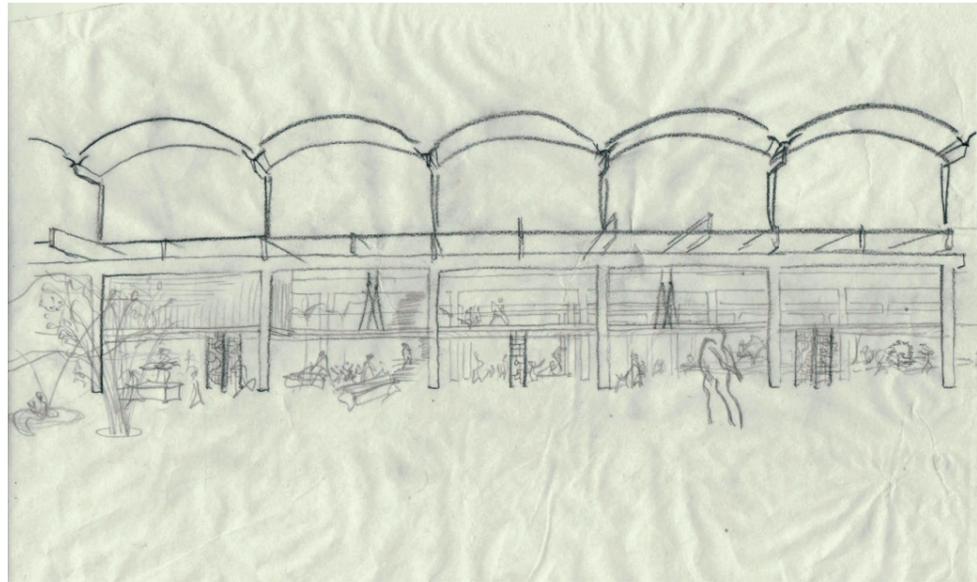
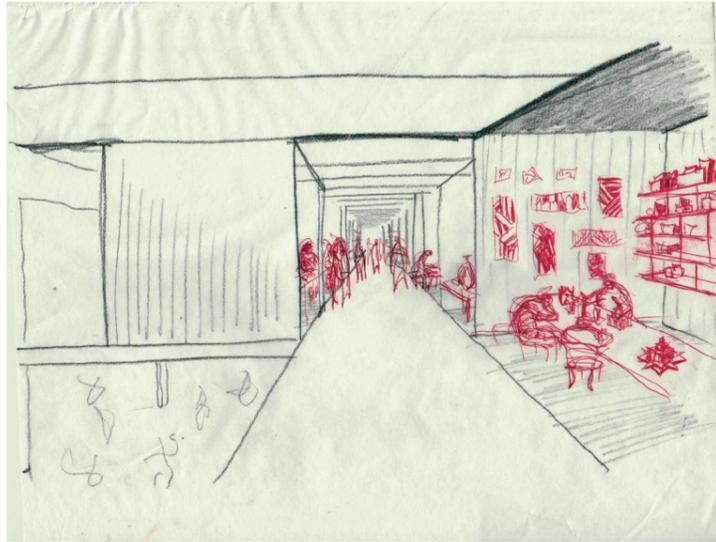
R. ANTÓNIO NUNES

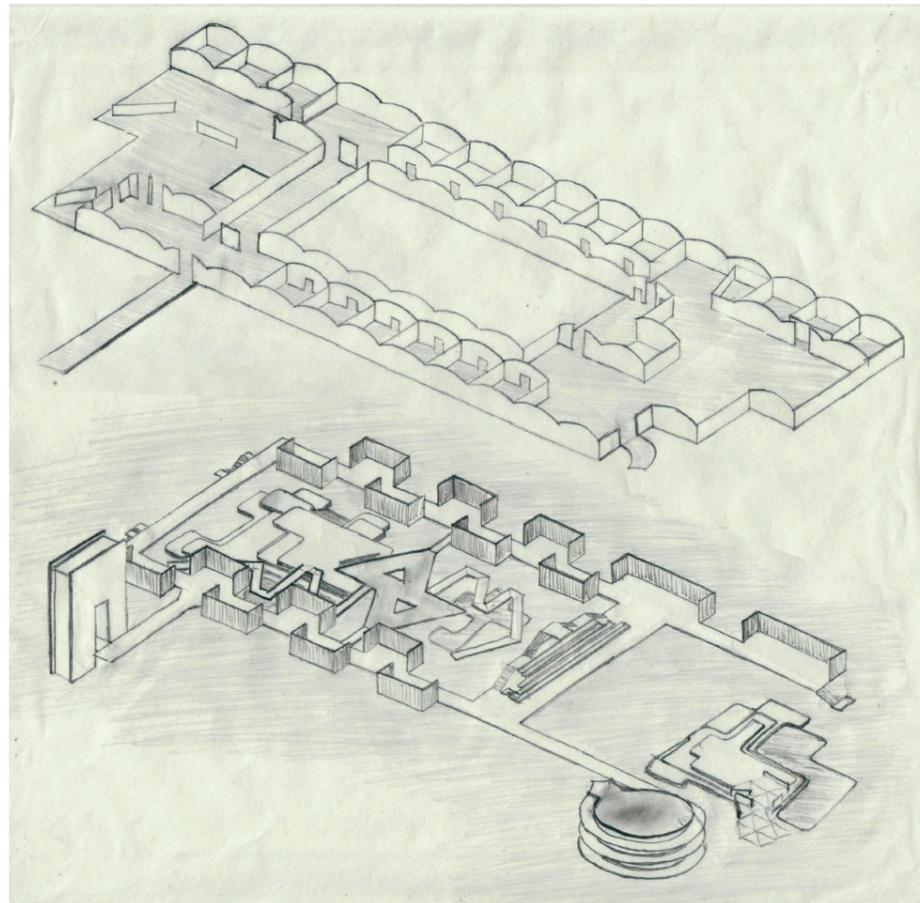




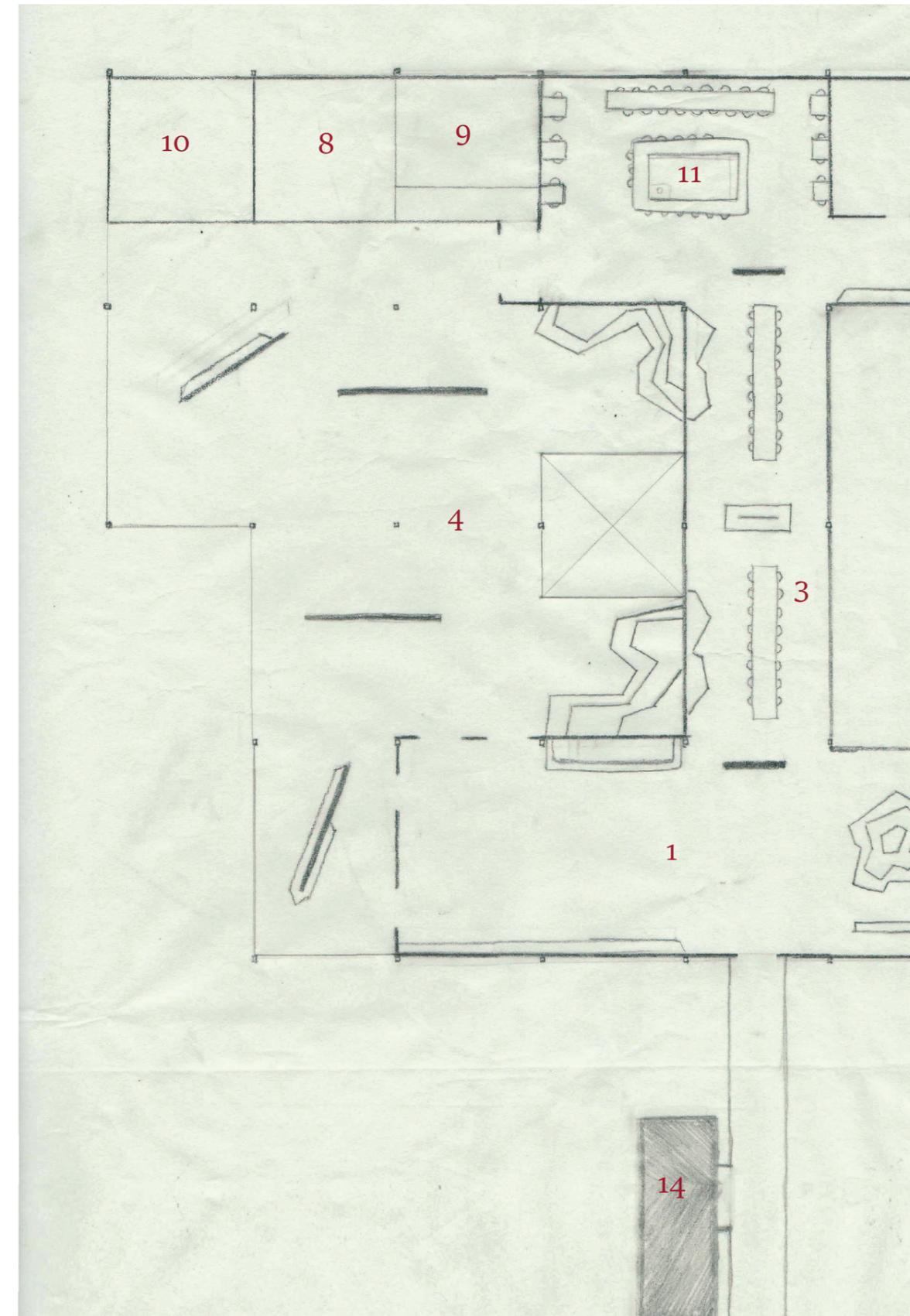


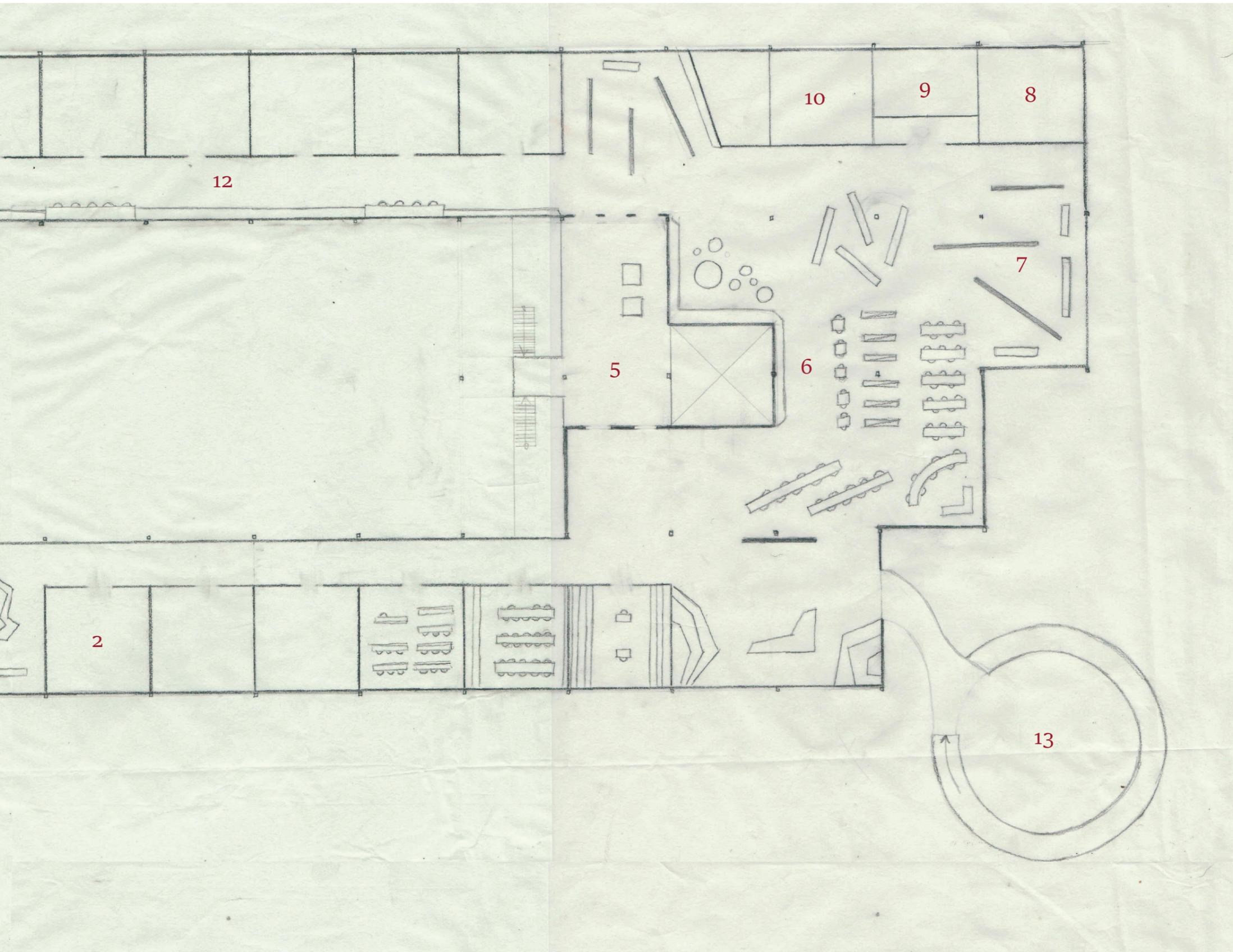


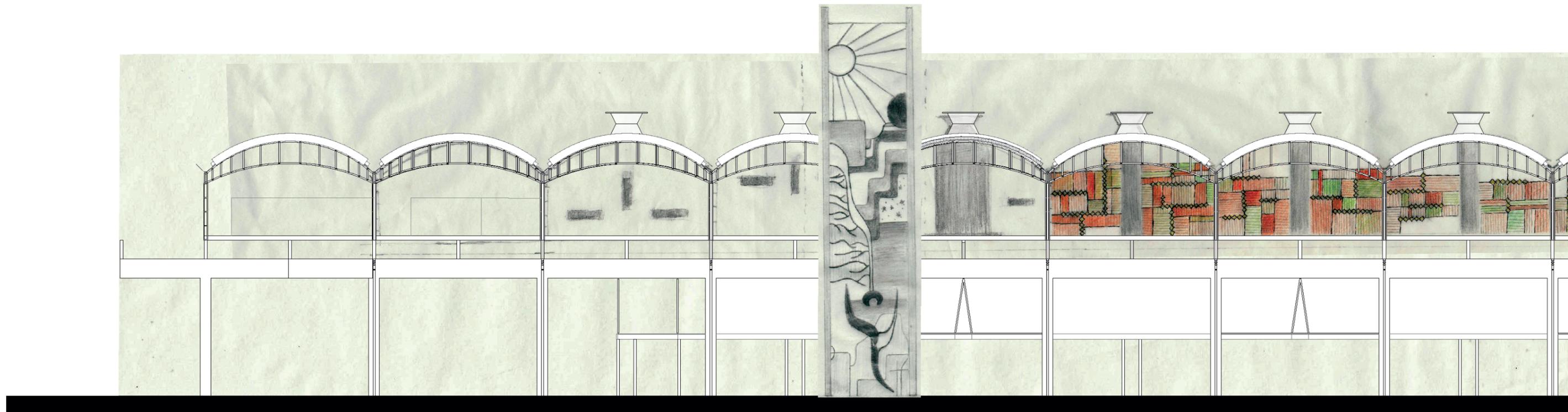
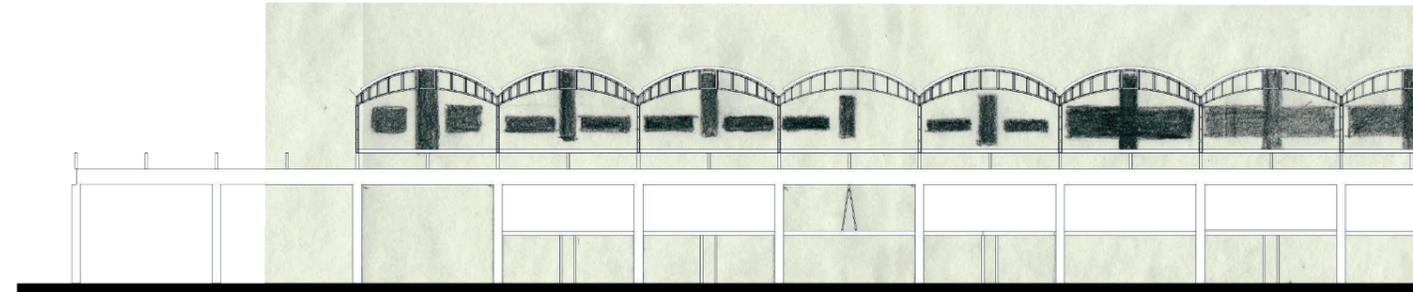
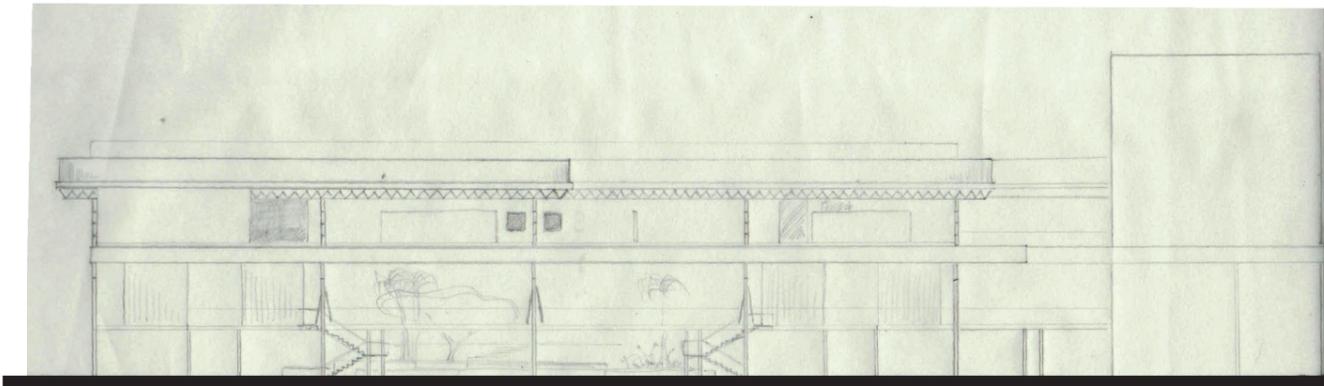


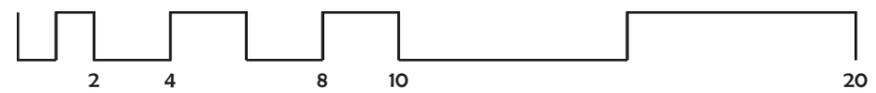
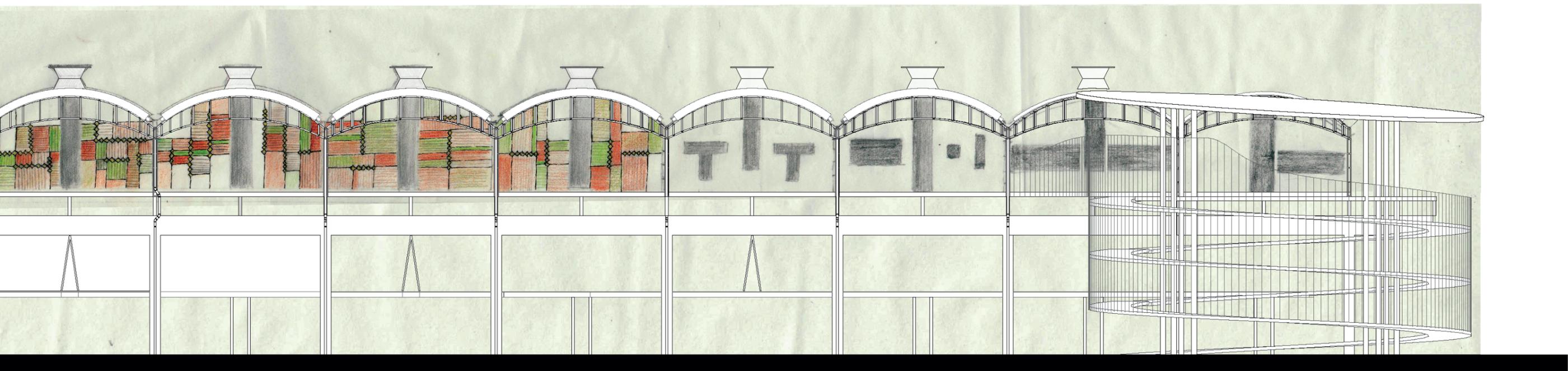
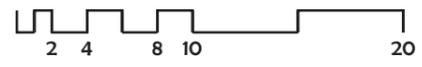
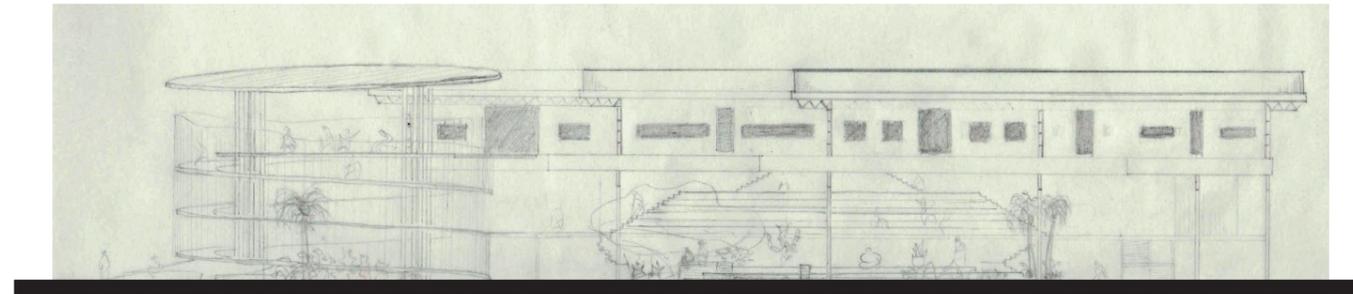
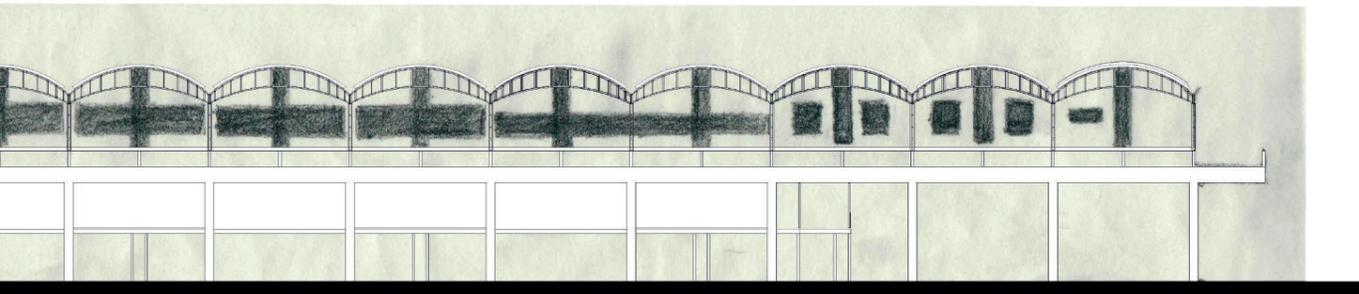


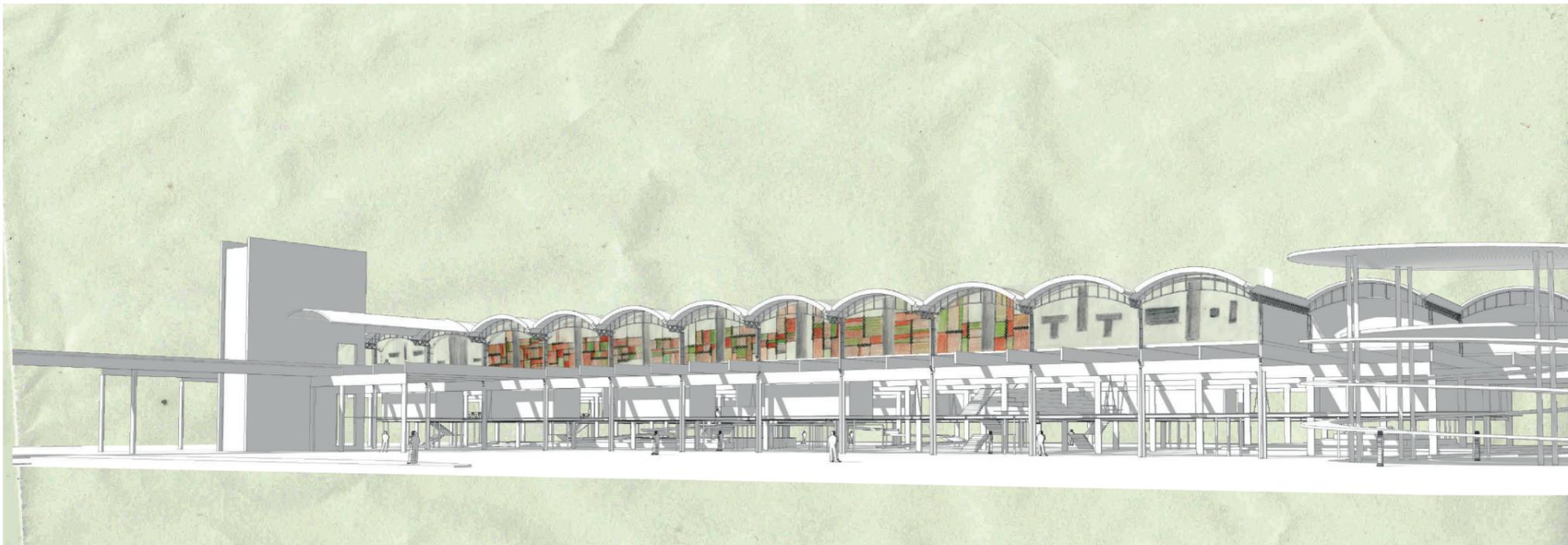
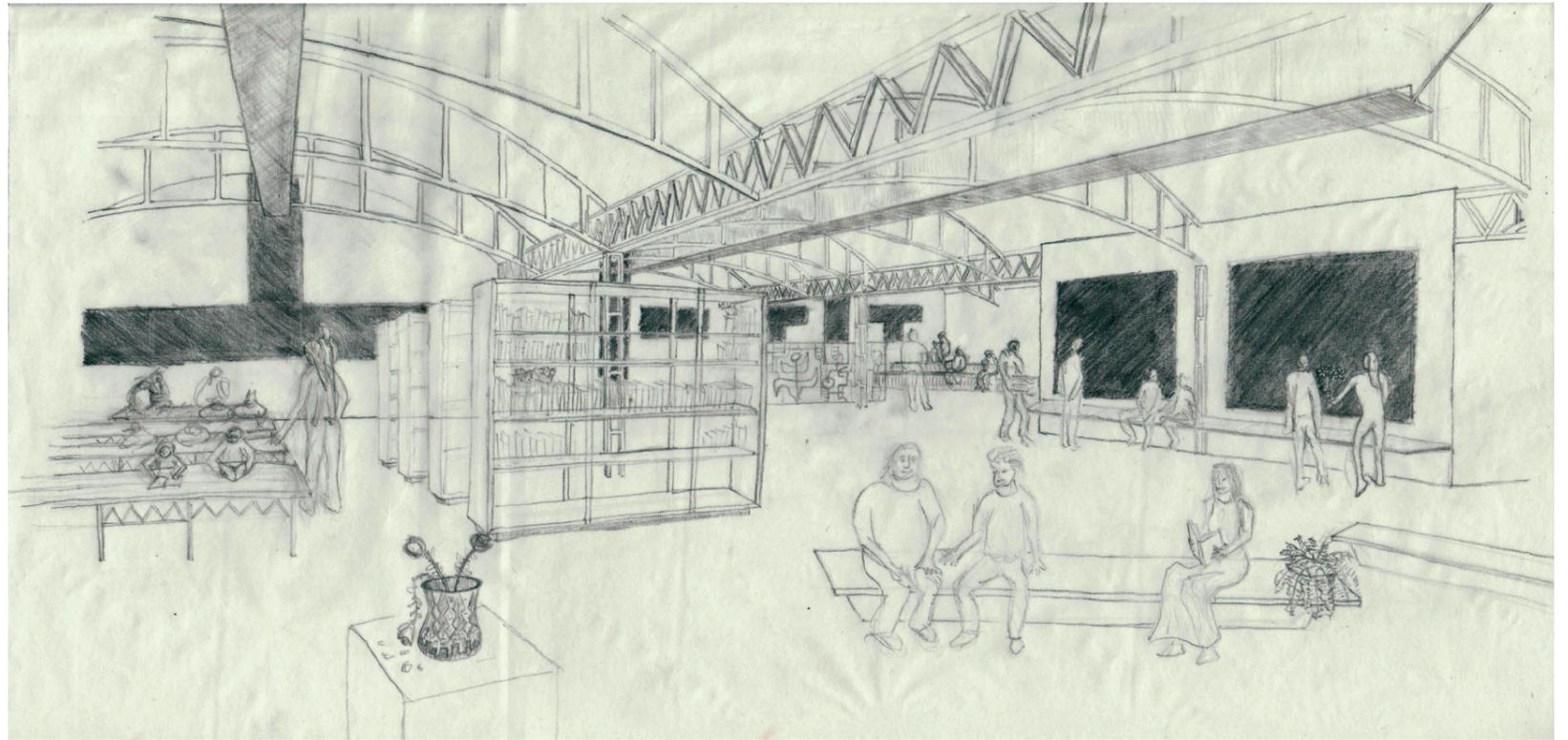
1. ANTESSALA
2. SALAS
3. ATELIÊ CORREDOR
4. VARANDA PARA O EXTERIOR
5. VARANDA PARA O INTERIOR
6. BIBLIOTECA
7. EXPOSIÇÃO
8. BANHEIRO FEMININO
9. BANHEIRO MASCULINO
10. ADMINISTRAÇÃO/INFRAESTRUTURA
11. CAFÉ
12. BANHEIRO PÚBLICO
13. TORRE RAMPA (PLATAFORMA NESTE NÍVEL)
14. TORRE DE CIRCULAÇÃO

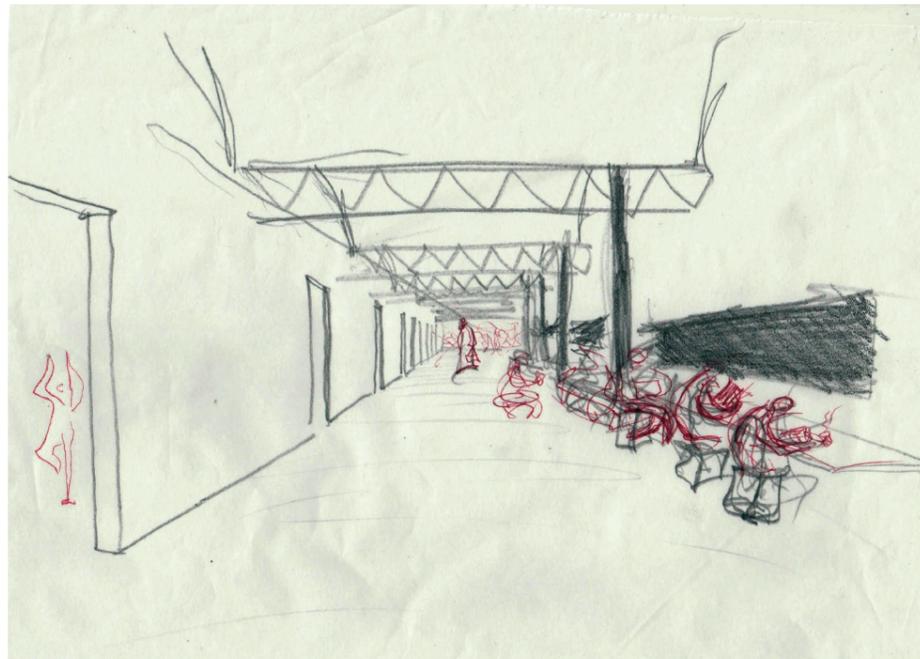
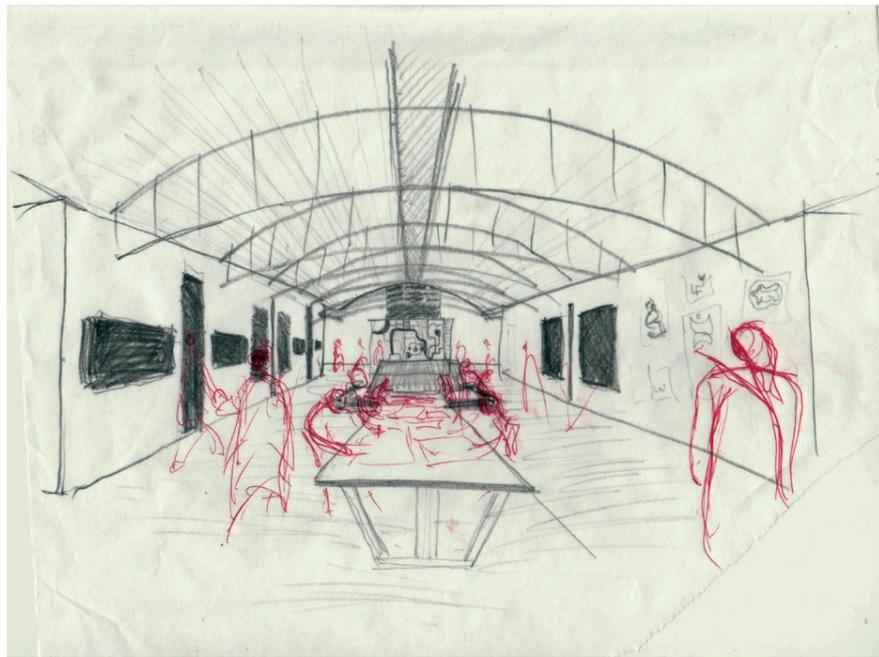
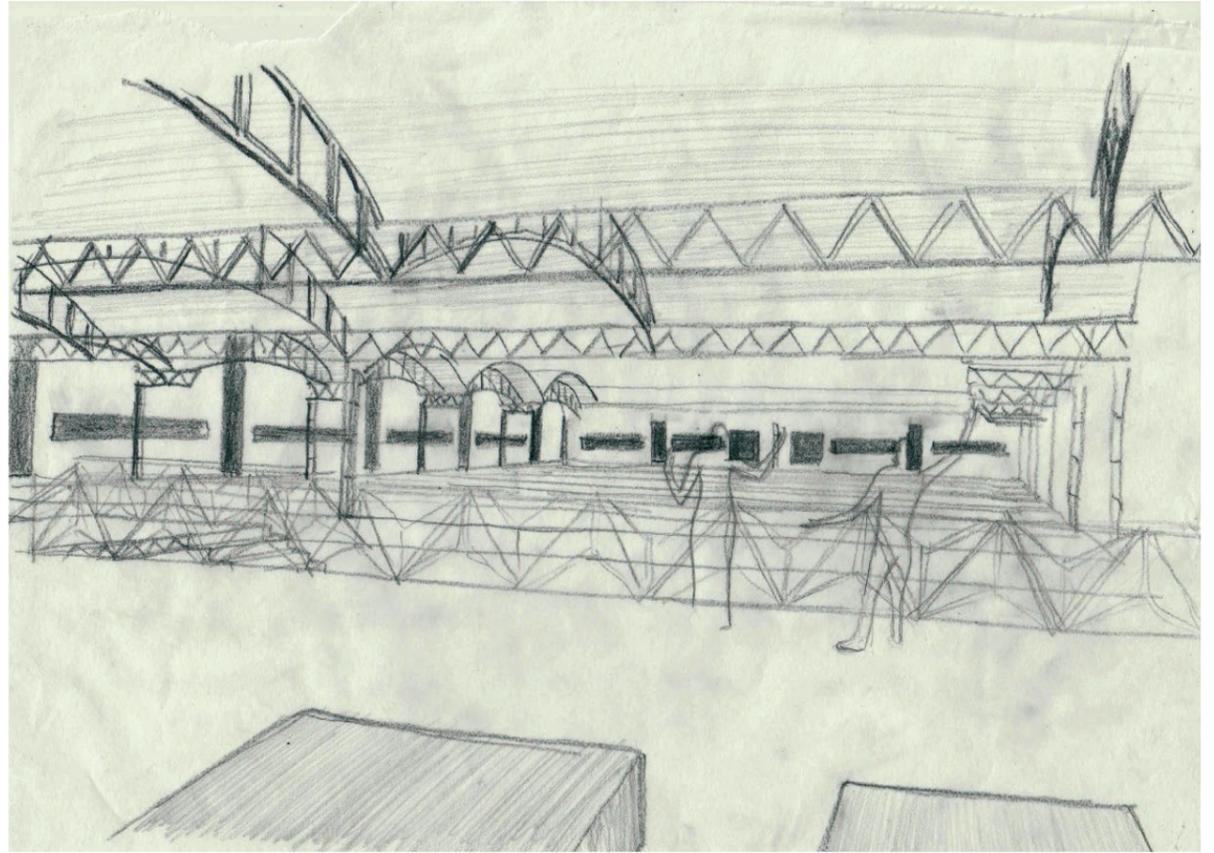
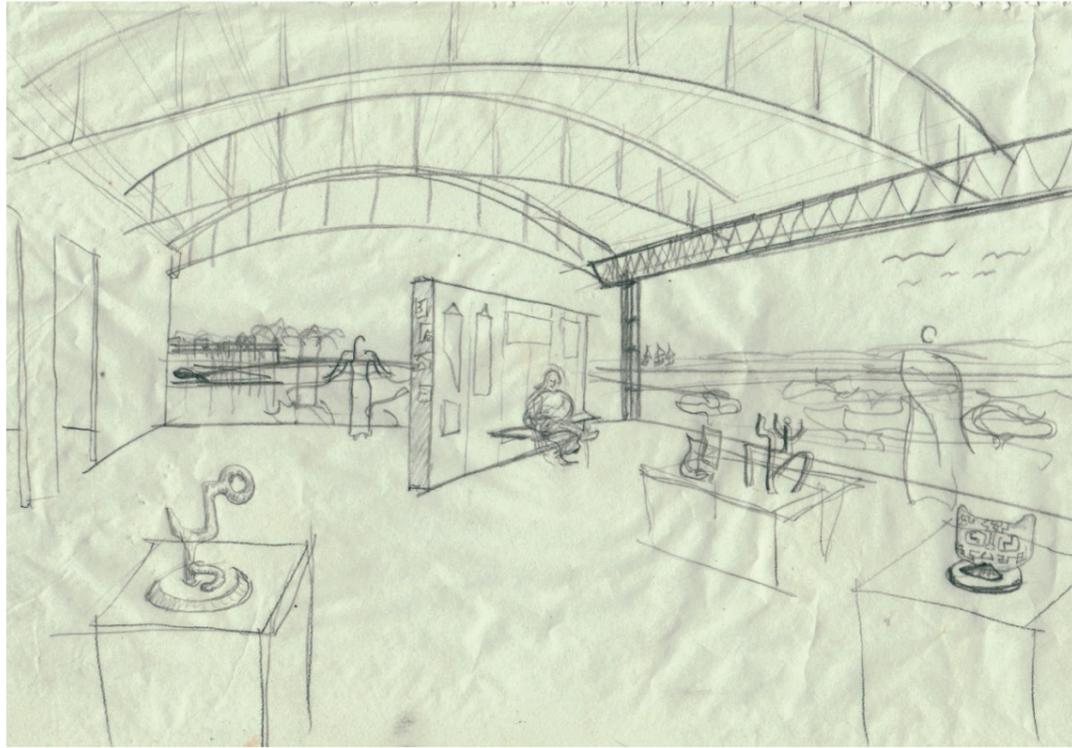


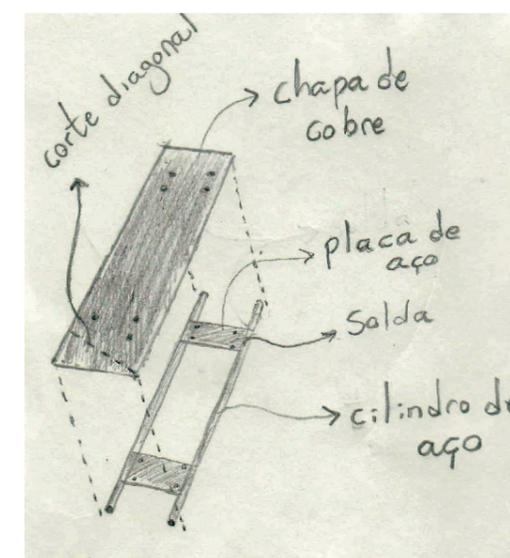
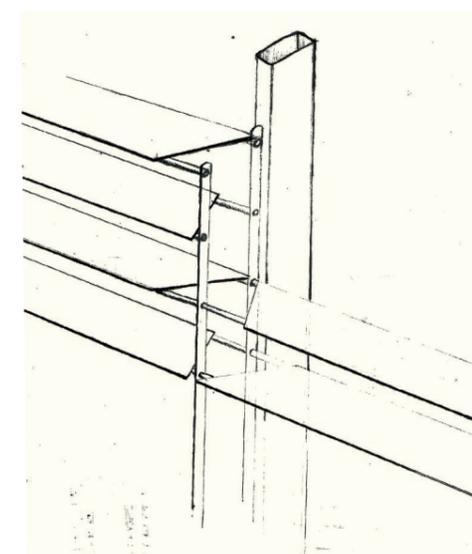
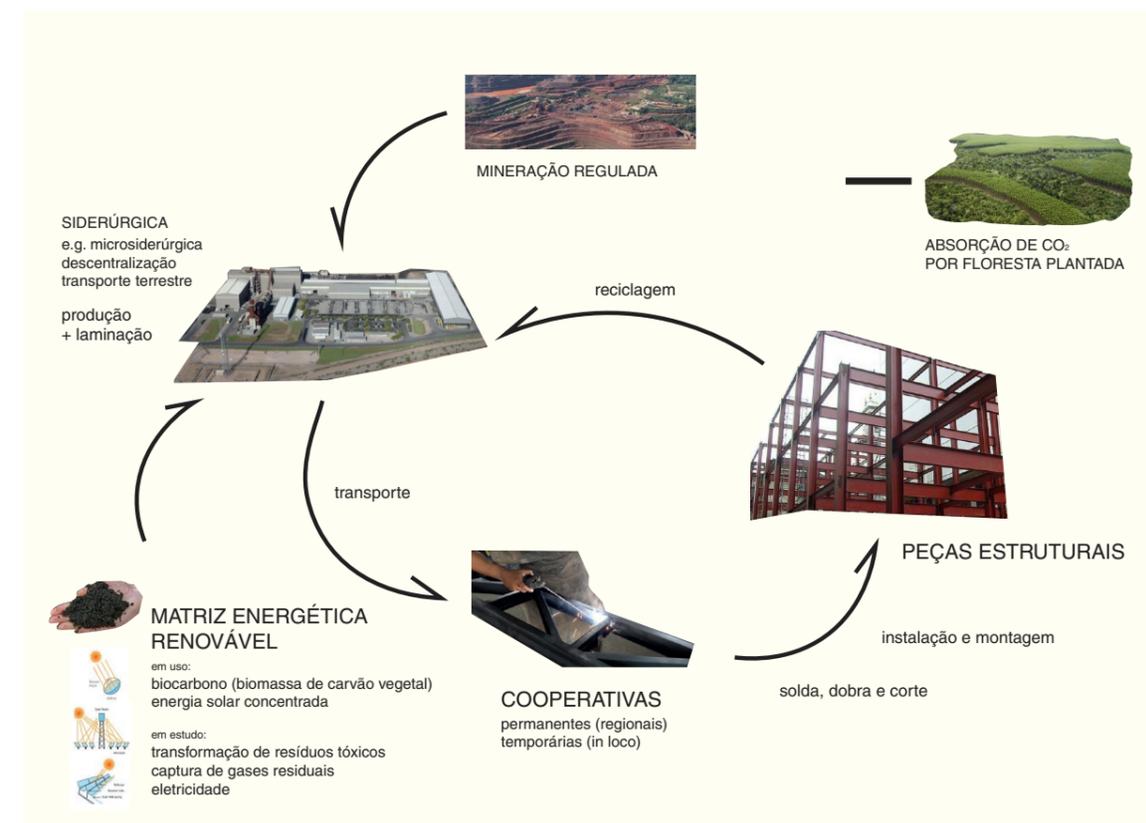
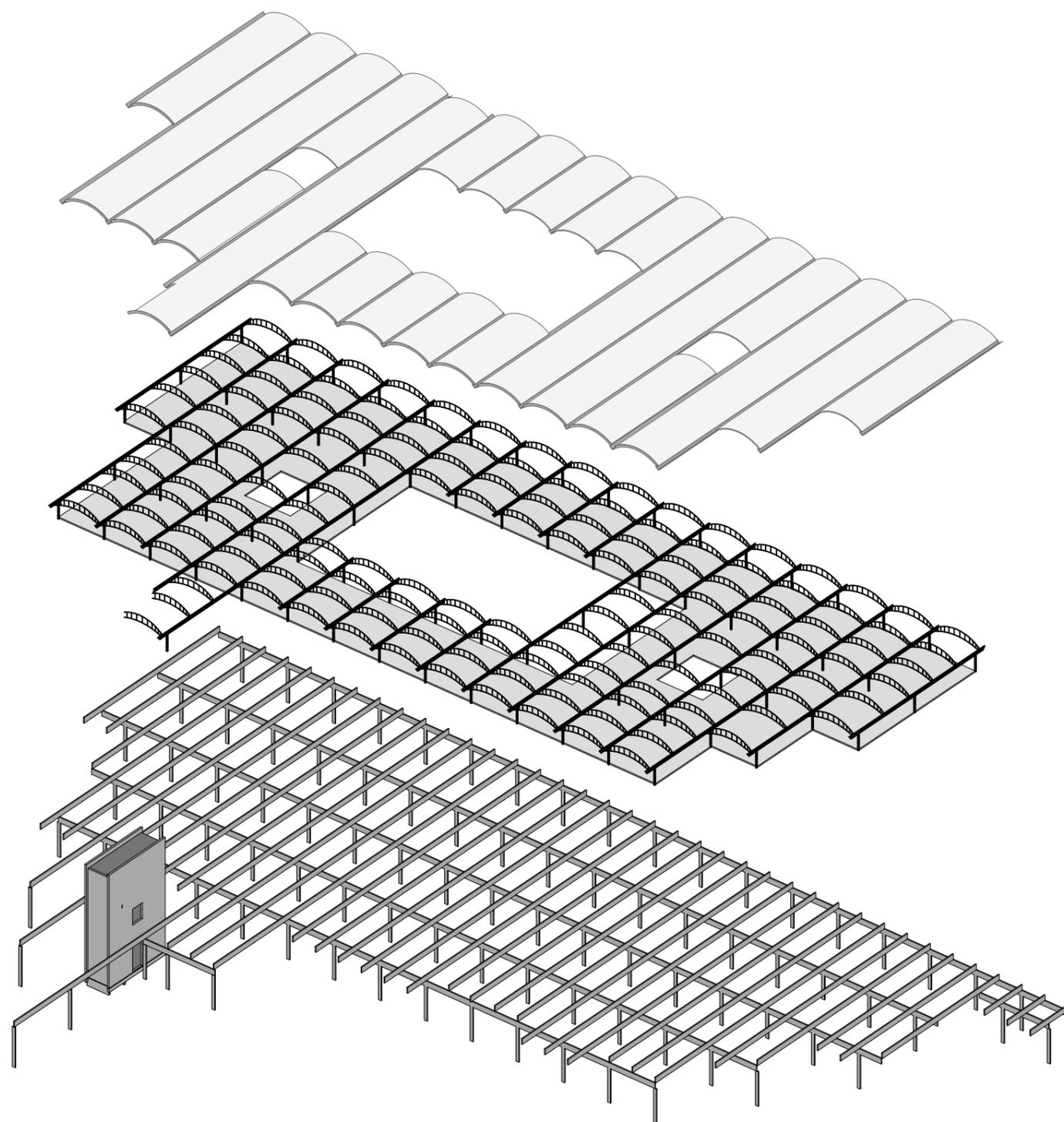


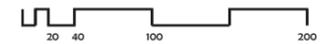
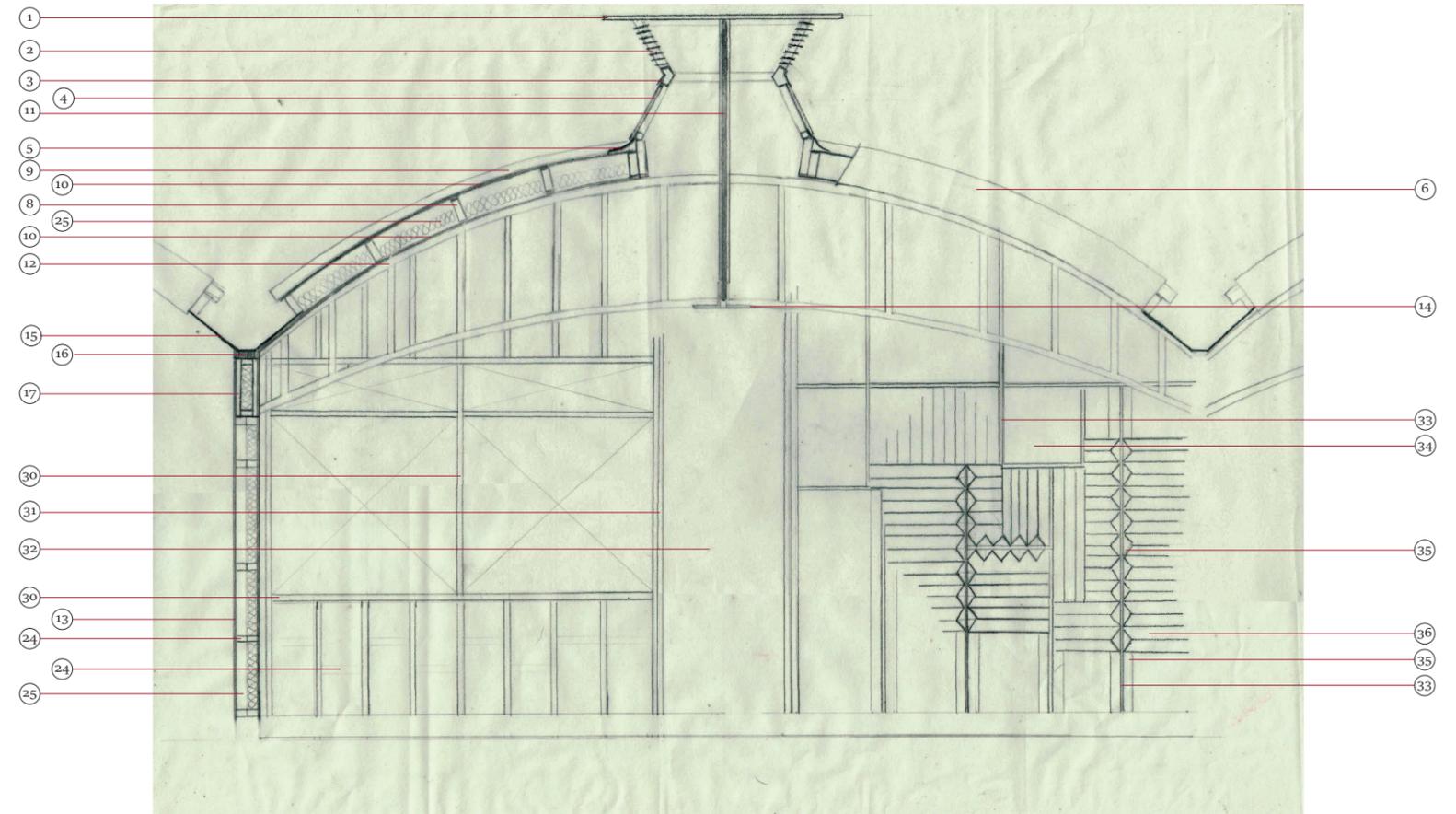
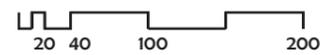
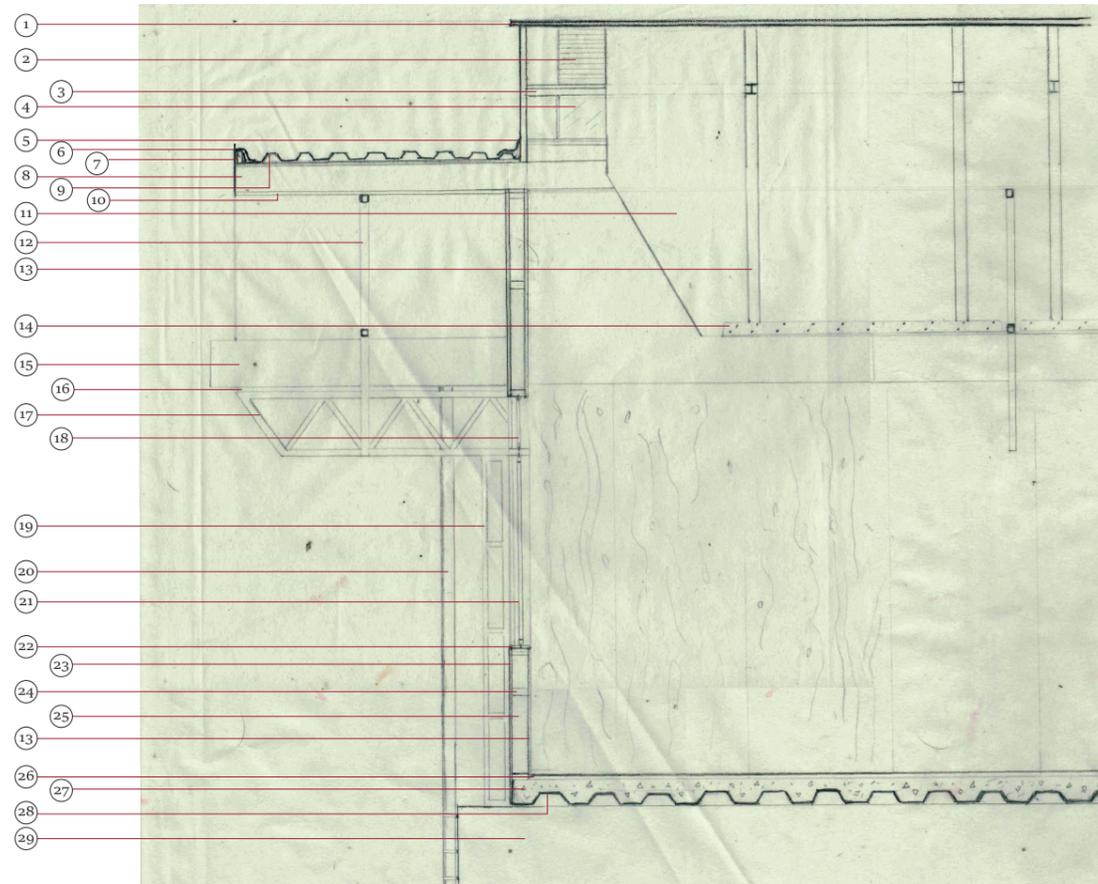












- | | | | |
|-----|--|-----|---|
| 1. | chapa de cimento impermeabilizada; cor preta | 19. | pilar de aço soldado (4 perfis quadrados) |
| 2. | ventilação | 20. | tubulação pluvial |
| 3. | junção de perfis de aço "C" | 21. | janela sanfonada de policarbonato |
| 4. | janela de policarbonato | 22. | soleira de compensado naval + placa de alumínio |
| 5. | rufo de fibra | 23. | chapa de compensado naval 20mm impermeabilizada |
| 6. | beira metálica | 24. | perfil de madeira |
| 7. | perfil de aço retangular curvo | 25. | camada de ar + isolante termoacústico |
| 8. | perfil de aço | 26. | piso composto de aglomerado de madeira e óleo vegetal |
| 9. | telha de alumínio composta com isolante | 27. | enchimento de concreto armado |
| 10. | chapa de compensado naval 10 mm | 28. | laje steel deck |
| 11. | chapa de compensado naval 20 mm | 29. | viga pré-fabricada de concreto armado pré-existente |
| 12. | tesoura de aço | 30. | montante de madeira |
| 13. | placa metálica | 31. | montante de madeira + caixilho de alumínio |
| 14. | perfil de aço "L" | 32. | vidro fixo |
| 15. | calha metálica em "U" | 33. | subestrutura de alumínio para o brise |
| 16. | neoprene de sustentação da calha | 34. | ilustração do vazio aonde são instaladas as chapas de cobre |
| 17. | viga de aço treliçada soldada | 35. | reforço/batente de alumínio |
| 18. | ventilação superior | 36. | chapa de cobre |

contra o negar do meio

Nada permanece como está. Tudo é mutável. Até mesmo um átomo de ouro está sujeito a dissolver-se em partículas menores em um dos cenários do fim do universo. Porém, percebemos como sendo assim? Ou só falamos como as coisas são e seguimos com a crença que as coisas estarão intactas, exatamente onde as deixamos?

Ao leste da minha casa há um morro baixo. As árvores de eucalipto rasgam a paisagem, abocanhando aos poucos a massa secundária de mata atlântica que cresceu espontaneamente. Há tempos, todo esse morro fora uma plantação de café ou mandioca. Ao oeste, está um dos maiores manguezais da cidade. E também uma das áreas de menor altitude. Apenas poucos centímetros acima do nível do mar. Sem sequer considerar a impermeabilização do solo e as estradas que cortam o ecossistema, o que posso hipostasiar para o local em que vivo, num espectro de 50 anos? Sabendo que o mar será elevado e que o aumento da temperatura média torna as chuvas menos frequentes e mais torrenciais, dificultando a sobrevivência de uma floresta úmida - é dispensada a necessidade de conhecimento especial para reconhecer o risco que se encontram os moradores dessa região. Ainda assim, a feira de sábado é cheia de sorrisos e piadas.

Ofuscada pela cobertura da mídia na Guerra da Ucrânia, a Coletiva de Imprensa do IPCC, transmitida no dia 28 de fevereiro de 2022, trazia notícias tão ou ainda mais preocupantes que a guerra. A seguir está a transcrição de um trecho da fala de abertura feita por António Guterres, secretário geral das nações unidas:

Dear representatives of the media, I've seen many scientific reports in my time. But nothing like this.

(...) Nearly half of humanity is living in the danger zone now. Many ecosystems are at the point of no return now. And checked carbon pollution is forcing the world's most vulnerable on a frog march to destruction now. The facts are undeniable.

(...) It is essential to meet the goal of limiting global temperature rise to 1.5 degrees. And science tells us that it will require the world to cut emissions by 45% by 2030. And achieve net zero emission of greenhouse gases by 2050. But according to current commitments global emissions are set to increase almost 14% over the current decade, that spells catastrophe. It will destroy any chance of keeping 1.5 alive (Conferência de Imprensa do IPCC em 28 de fevereiro de 2022)

O meio ambiente é o invólucro das relações entre seres vivos. Se o meio é ameaçado, as relações são ameaçadas. Isso é óbvio. Mas vemos assim?

Entre economistas, é comum ouvir a ideia de escassez ser representada como uma espécie de postulado. Ver o potencial produtivo do meio ambiente como escasso é vê-lo do ponto de vista da saciação - isto é, do ponto de vista de quem tem sede, ou de um consumidor nato. É vê-lo como um objeto quantificável, mensurável, pronto a ser dividido — quem nunca ouviu a metáfora de repartir o bolo? Assim como seria na mente de um miserável, a primeira pergunta passa a ser — como fazer crescer o bolo? Este é o caminho para a falácia do progresso.

Ivan Illich, em 1983, sinaliza que o conhecido fenômeno dos cercamentos na Inglaterra pré-capitalista, não trata-se apenas do surgimento de uma nova divisão social de trabalho. Mas de uma nova política ecológica. Os recursos naturais passaram a ser apropriados sob o pretexto de aumentar o produto interno nacional. O que era *comum* (ou *comunal*) passa a ser entendido como escasso.

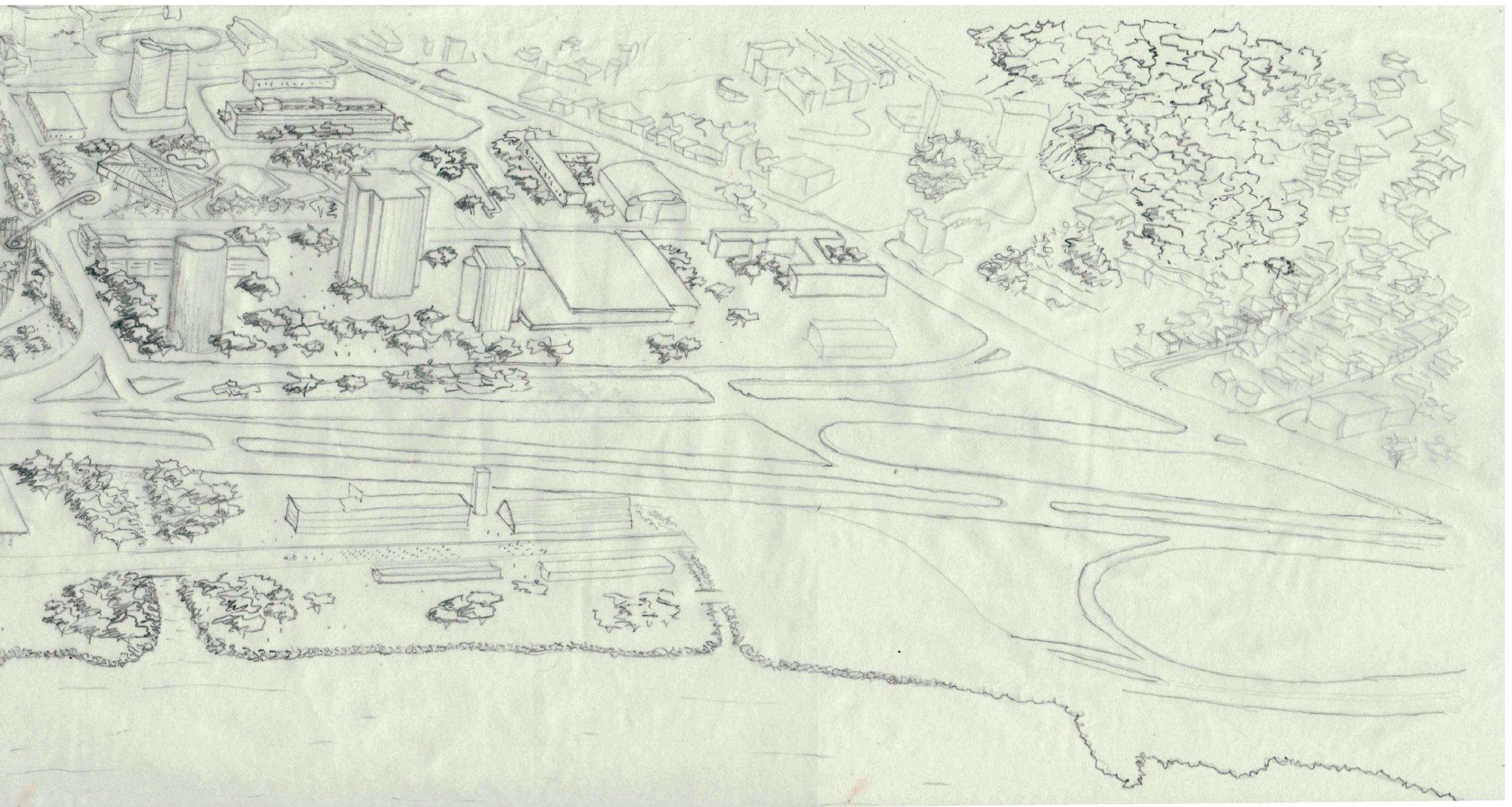
An oak tree might be in the commons. Its shade, in summer, is reserved for the shepherd and his flock; its acorns are reserved for the pigs of the neighbouring peasants; its dry branches serve as fuel for the widows of the village; some of its fresh twigs in springtime are cut as ornaments for the church - and at sunset it might be the place for the village assembly. When people spoke about commons, iriai, they designated an aspect of the environment that was limited, that was necessary for the community's survival, that was necessary for different groups in different ways, but which, in a strictly economic sense, was not perceived as scarce.

A crise de extinção também poderia ser chamada de *grande morte*, por não envolver a morte apenas dos envolvidos, mas de todo ecossistema humano, mamífero e possivelmente toda a ecosfera. Alguém poderia indagar “quem é a mãe de minha mãe?” por incontáveis vezes e, mesmo que não encontre uma resposta muito clara do ponto de vista biológico, verá que seu corpo é produto de milhões e milhões de anos de mutações entre seus antepassados. Essa é a maravilhosa linhagem de mães que está à beira da morte. E para outras muitas linhagens de espécies, parentes de longa data, o fim já se deu. Não é por acaso. Em 2021 foi entregue pelo IPCC um relatório conclusivo que refuta qualquer causa principal para a mudança climática anormal dos últimos 100 anos que não seja a ação antrópica.

Assim como o abismo da separação/desunião/independência que os seres vivos imputam uns aos outros, o abismo da catástrofe que se apresenta deve ser observado atentamente. Antes de nos engajarmos em teorias [filosóficas], observemos mais um pouco. Como finaliza Rupert Read, em 2020, na sua análise crítica aos compromissos insuficientes firmados durante o Tratado de Paris:

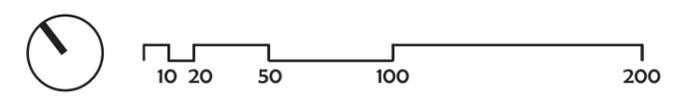
We need to be brave enough to look into that abyss; and only if we do that will we then know what to do next...

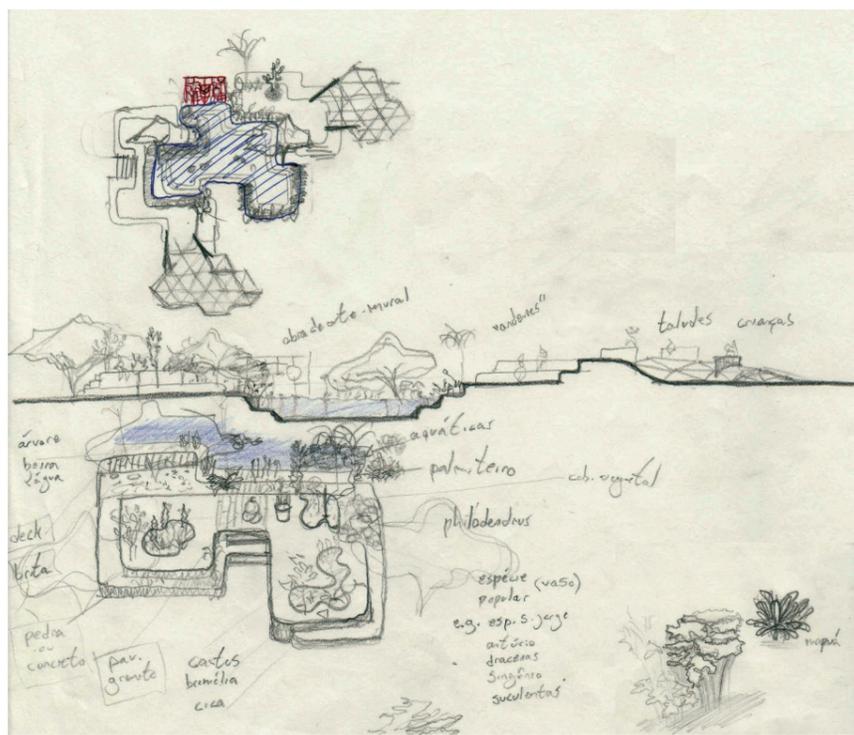
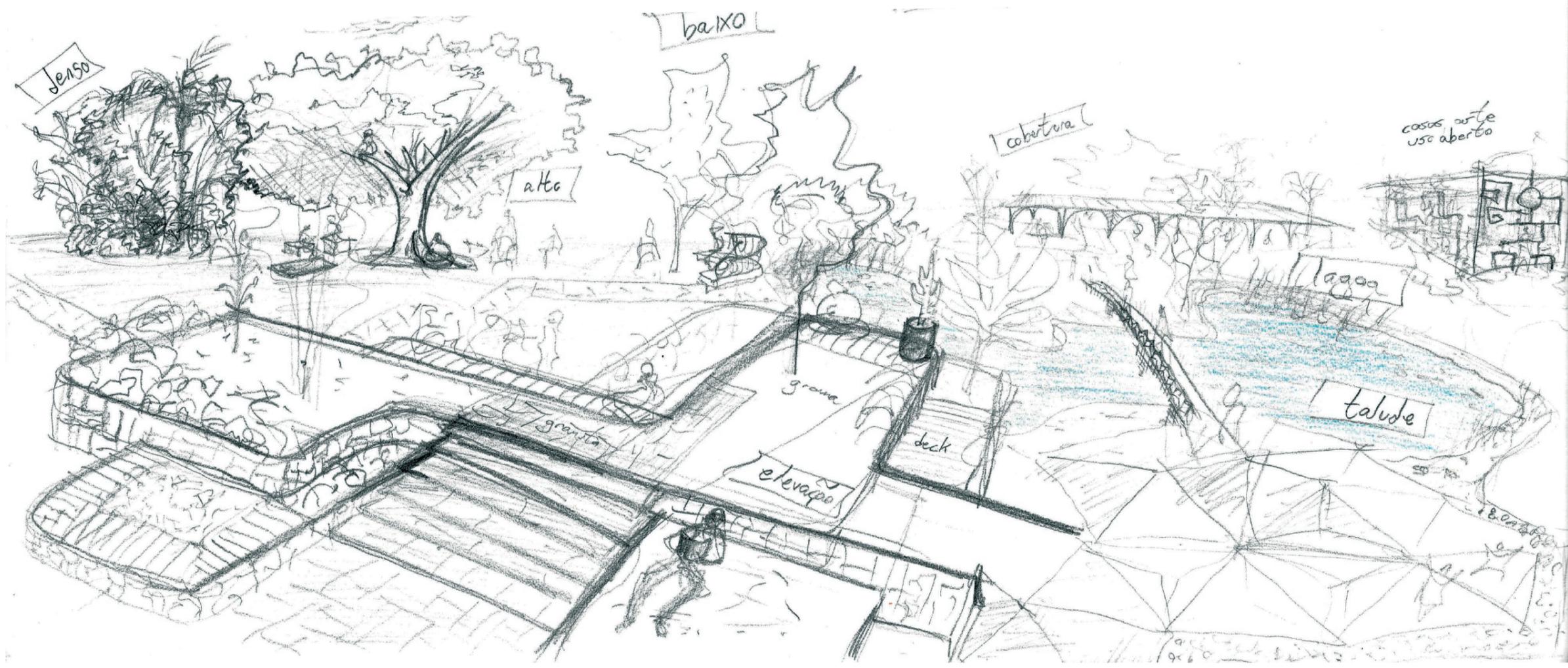






1. CENTRO CULTURAL DO PARQUE
2. BANHEIRO PÚBLICO
3. ESTAÇÃO ELEVATÓRIA
4. TORRE DE CIRCULAÇÃO
5. TORRE RAMPA
6. PONTO DE ÔNIBUS
7. MICROCOMÉRCIO (QUIOSQUES)
8. FORTE SANTA BÁRBARA
9. RESTAURANTE POPULAR
10. PASSARELAS URBANAS
11. PONTO BRT
12. CENTRO DE EVENTOS REFORMADO
13. MARINA PÚBLICA
14. PASSARELA DE SAMBA NEGO QUIRIDO
15. ETE REFORMADA
16. REGENERAÇÃO DO RIO HERCÍLIO LUZ (DA BULHA)
17. AUDITÓRIO DA PRAÇA TANCREDO NEVES





bibliografia

DEMIREL, Emre. Use-value and the question of completion. *Architecture and Philosophy*. vol. 2 n.2.. ISPA Architecture. 2017

FAHEY, Carolyn. Understanding Architecture as Inessential. (2009) *Papers of the 32nd IWS* (eds. V. A. Munz, K. Puhl, J. Wang). Disponível em <<http://wittgensteinrepository.org/ojs/index.php/agora-alws/article/view/2820/3364>>. Acesso em 12 de Abril de 2022.

ILLICH, I. Silence is a Commons. *CoEvolution Quarterly*, 1983.

Louisiana Channel. Balkrishna Doshi Interview: The Symphony of Architecture. Disponível em: <<https://vimeo.com/373856508>>

MIZENER, S. The Tractatus as an Ethical Deed: Seeing and Feeling the World "Sub Specie Aeternitatis". (Dissertação - Doutorado de Filosofia). Universidade do Tennessee, Knoxville. 2006.

READ, Rupert. "Wittgenstein's 'Philosophical Investigations' as a War Book." *New Literary History* 41, no. 3 (2010): 593-612. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40983886>>

READ, R. This civilization is finished: Time to build an ecological civilization. *Ecological Citizen*, 2020. vol. 3 p. 157-152.

ROSENTHAL, A. et al. *Sítio Roberto Burle Marx*. 1 ed. Rio de Janeiro, 2020.

WITTGENSTEIN, L.; ANSCOMBE, G. E. M. *Philosophical investigations*. Oxford, Inglaterra. ed. Blackwell. 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Nova Iorque, Estados Unidos. ed. Harcourt, 1922.

Ecologia

ALMEIDA, DS. Modelos de recuperação ambiental. In: *Recuperação ambiental da Mata Atlântica* [online]. 3rd ed. rev. and enl. Ilhéus, BA: Editus, 2016, pp. 100-137. ISBN 978-85-7455-440-2. Available from SciELO Books .

CALIXTO, Bruno et al. Década da Restauração de Ecossistemas é oportunidade para recuperar áreas degradadas no Brasil e no mundo. *WRI Brasil*. 2021. Disponível em: <<https://wribrasil.org.br/pt/blog/florestas/decada-da-restauracao-ecossistemas-reflorestamento-recuperacao-areas-degradadas-brasil>>

EMBRAPA. Estratégias de Recuperação (plataforma). Disponível em: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/estrategias-e-tecnicas-de-recuperacao>>

GREGO, Daniel. Thirteen Ways of Looking at Ivan Illich. *The international Journal of Illich Studies*. ISSN 1948-4666. Vol. 3 n. 1. P. 78-95. 2013.

IPCC. RCP 8.5: BUSSINESS-AS-USUAL OR A WORST-CASE SCENARIO?.

MACHON, Nathalie. What biodiversity in the city?. *Encyclopedia of the Environment*, 2019. [online ISSN 2555-0950] Disponível em: <<https://www.encycopedie-environnement.org/en/life/what-biodiversity-in-the-city/>>

MONTANARI, Fernando et. al. Mapeamento do Aumento do Nível Médio do Mar para o Município de Florianópolis/SC para o Ano de 2100. *XI CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE DE POÇOS DE CALDAS*, 2014.

MONTANARI, F. Estimativa dos impactos econômicos do aumento do nível médio do mar no município de Florianópolis/SC para o ano de 2100. Dissertação (mestrado profissional em Meio Ambiente Urbano e Industrial) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia – PR, Universität Stuttgart. São Paulo, p. 121. 2015.

ROSA, Edson. Regeneração de nascentes abre caminho para a limpeza do rio do Bulha, em Florianópolis. *Jornal NDMAIS*, 2014. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/regeneracao-de-nascentes-abre-caminho-para-a-limpeza-do-rio-do-bulha-em-florianopolis/>>

ROWNTREE, R. Urban Forest Ecology: Conceptual Points of Departure. In: *Journal of Arboriculture* vol. 24. n 2. 1998.

VOGT, J. *Urban Forests as Social-Ecological Systems*. Department of Environmental Science & Studies, College of Science & Health, DePaul University, Chicago, IL, United States, 2020.

WE FORUM. These Tiny Urban Forests Could Be A Secret Weapon Against Climate Change. 2021. Disponível em: <<https://www.weforum.org/videos/these-tiny-urban-forests-could-be-a-secret-weapon-against-climate-change>>

WORLD BANK GROUP. *GREEN CITIES: Cities and Climate Change in Brazil*. 2010.

Materialidade e ciclo energético

ANDERTON, James. New Micro Steel Mill is Competitive Despite Low Steel Prices. *Engineering.com*, 2015. Disponível em: <<https://www.engineering.com/story/new-micro-steel-mill-is-competitive-despite-low-steel-prices>>

PNUD Brasil. Projeto Siderúrgica Sustentável, 2022. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/projects/SiderurgiaSustentavel.html>>

RIVA, Lorenzo. Production and application of sustainable metallurgical biochar pellets. 2020. University of Agder, Kristiansand. Disponível em: <<https://uia.brage.unit.no/uia-xmlui/handle/11250/2675537>>

WORLD BANK GROUP. The Growing Role of Minerals and Metals for a Low Carbon Future. 2017. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/207371500386458722/pdf/117581-WP-P159838-PUBLIC-ClimateSmartMiningJuly.pdf>>

Planos Municipais e Estaduais

FLORIANÓPOLIS. Plano Municipal da Mata Atlântica. 2020.

FLORIANÓPOLIS. Plano Municipal de Redução de Risco. 5ª Etapa. 2014.

FLORIANÓPOLIS. Plano Municipal Integrado de Saneamento Básico – PMISB: Produto 6 – Diagnóstica da Drenagem Urbana. 2009.

SANTA CATARINA. Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis – PLAMUS. 2015.

HASSIS



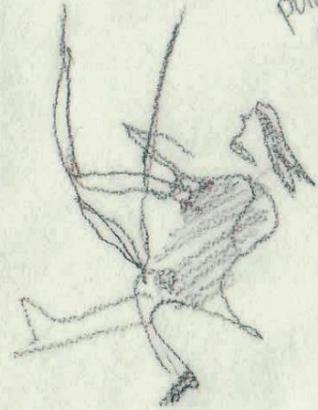
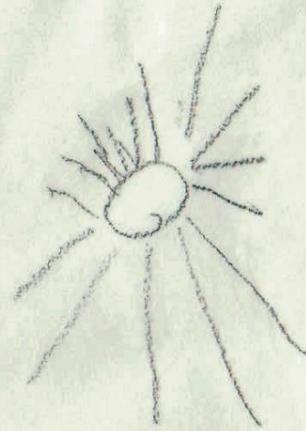
pala
aroda



marcata



bol de manas



folhas
arte do
trancado



Every object around us, and nature itself—lights, sky, water and storm—everything is in a symphony, and this symphony is what architecture is all about.

Balkrishna V. Doshi